

**TRÊS PO
ROUQUA TR
O ESTRA
NHEZAS**



DIGNIDADE É TUDO

É importante o texto que se segue do professor Ricardo Schneiders realizando uma resenha histórica do jornal TRÊSPORQUATRO. São 35 anos de circulação. Destes, cerca de oito anos, 16 exemplares, foram editados sob a minha orientação. Sempre, na abertura de cada semestre e como parte do hábito da prática do "olhar comparativo" que todo jornalista deve ter, mostro exemplares do período anterior. É uma experiência importante no processo de formação de cada turma. Do que não se deve fazer. Não perdendo de vista o fato de que é muito complicado mobilizar, ao final do curso, uma turma para realizar tanto o jornal TRÊSPORQUATRO como a revista Sextante. Sistemáticamente, ao longo deste período, tenho apontado algumas das razões desta crescente dificuldade. Meus editoriais são indicativos dessas e de outras questões importantes para a formação de um espírito crítico.

Com humildade, sem nenhum traço de arrogância, tenho orgulho de meu trabalho de "jornalista-editor-professor". Cada vez tenho menos certezas. Mas é certo que, daqui a 35 anos, os exemplares que orientei terão um lugar de destaque. As entrevistas realizadas, assim como inúmeras matérias, são reveladoras e, quase sempre, indicativas das trajetórias futuras de cada aluno. Não me refiro às técnicas ou qualidade de texto, mas ao fato de que com inteira liberdade estímulo a que cada um escolha o seu lado. Permito escolhas.

Sem polemizar, é preciso fazer algumas considerações. Se a tendência for a de resgatar o espírito da idéia inicial, um jornal de integração das áreas do Jornalismo, Relações Públicas e Publicidade, os meus dias no trabalho de orientação estão contados. Não entendo um jornal-laboratório como meio de integração destas atividades, todas elas voltadas para o império do Deus-Mercado. Acho que essa é uma tendência inevitável. É crescente e acelerada a morte do ensino de JORNALISMO. Por isso mesmo, tenho tido a sensação de estar cada vez mais prensado contra a parede. Sou um dinossauro.

Conforme já assinalei, acho que não vale à pena polemizar, empilhando argumentos contra este estreitamento das áreas. Uma obra inteira do linguísta Noam Chomsky, um dos maiores críticos da mídia e da sociedade norte-americana, assim como as idéias de inúmeros pensadores contemporâneos da maior expressividade, pouco pesam em tais decisões. Não por absoluto acaso, os setores mais organizados dos movimentos sociais, como por exemplo o MST, estão promovendo a formação dos seus "comunicadores". Expressão equivocada, que ainda me parece resquício da "linguagem ideológica" imposta pela "comunicologia".

Ao admitir a possibilidade de um maior retrocesso, não existe nenhuma mágoa, ressentimento ou até mesmo um sentimento de perda. Não estou me retirando do campo de

batalha. Não me sinto vítima de absolutamente nada. Com o passar do tempo, venho aprendendo a jogar minhas energias e emoções no que vale à pena. Ao longo dos últimos 16 anos, estabeleci relações com tantas gerações de jornalistas que tenho como me realimentar de forma sadia.

Torço apenas para que consiga me aposentar antes de ficar definitivamente emparedado. O que me obrigaria, com a máxima dignidade e sem qualquer sentido comparativo, a adotar uma atitude semelhante ao pensador Wittgenstein, que, após uma longa carreira acadêmica, renunciou à cátedra de Filosofia e passou o restante de sua vida trabalhando ora como porteiro ora como ajudante de laboratório num hospital. Morreu em 29 de abril de 1951 e pouco antes de perder a consciência pediu ao médico: "Diga-lhes que tive uma vida maravilhosa".

Obrigado a todos os jovens JORNALISTAS, verdadeiros companheiros de LUTA. Obrigado a esta turma por mais este TRÊSPORQUATRO.

Wladimir Ungaretti

TRÊS POR QUATRO — 35 ANOS

A folha 61v, do livro B nº 02, intitulado Matrícula de Oficinas Impressoras e de Jornais e outros Periódicos, do Cartório de Registro Especial da Comarca de Porto Alegre, sob o número de ordem 620, com a data de sete de novembro de 1972, consta o registro do jornal denominado TRÊSPORQUATRO, de propriedade da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e editado pelo Departamento de Comunicação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Ou seja, há exatos 35 anos o nosso 3X4 existe oficialmente, com certidão passada em cartório, e por isso é interessante registrar o fato, puxar da memória um pouco da história e lembrar o contexto, as pessoas. Refletir o presente e olhar o futuro também.

Toda faculdade ou escola de Jornalismo, por tradição, edita com os alunos em final de curso o seu jornal laboratório: um pouco aprendizado e um pouco vitrine para os futuros profissionais. Na UFRGS, no antigo Curso de Jornalismo da então Faculdade de Filosofia, também era assim e existiu, durante muito tempo, o Jornal Escola.

Mas a reforma universitária de 1968, a transformação em curso de Comunicação Social e a implantação da Fabico em 1970 provocaram um hiato entre as turmas: a última do antigo Jornalismo, de um curso de três anos, e a nova, já no curso de Comunicação Social, com quatro anos de duração. O velho Jornal Escola da UFRGS deixou de ser editado por dois anos. E, entre alunos e professores, surgiu uma nova discussão: o que deveria ser feito? Como experiência, foi até publicado um "jornal mural", impresso, com alguns poucos exemplares, chamado ERNESTÃO, homenageando o professor Ernesto Correa da Silva.

Mas foi a primeira turma da habilitação nova — Relações Públicas, Publicidade e Propaganda — que abraçou o problema e propôs a criação de um novo modelo de "jornal experimental" que fosse laboratório para todos: os alunos do Jornalismo fazendo o conteúdo jornalístico, e os de RRPP cuidando de fazer a produção e buscar os recursos financeiros: isto é, "vender" espaços para anunciantes, criar anúncios e coordenar a produção (impressão e circulação/distribuição do jornal).

Das discussões entre os alunos é que surgiu o nome TRÊSPORQUATRO — um retrato de cada aluno, cada turma — e o formato tablóide. E de uma pesquisa/enquete realizada com o público universitário e pré-universitário, foram definidas as muitas linhas possíveis para o desenvolvimento de um periódico que despertasse o interesse desses leitores em potencial.

E mais: para chegar mais próximo e mesmo sair fora dos muros da universidade, planejou-se a distribuição em todas as unidades e a sua venda nas bancas de revistas próximas ao Campus, especialmente a Uirapuru, na Osvaldo Aranha, ao lado do Bar Alaska, em frente à Arquitetura. E até na tradicional banca da Praça da Alfândega.

Não há dúvida que muito se deve à aposta feita pelo grupo de docentes na capacidade de se criar esse espaço experimental de ensino-aprendizagem: do estímulo louco-poético do "Quixote" Sílvio Duncan, à orientação e experiência jornalística da Lea Caldas e da Helena Lemos, da criatividade do Joaquim Fonseca ao relacionamento e pragmatismo do Laerte Martins e da Martha Alves D'Azevedo. E também, é claro, se deve valorizar o trabalho do grupo

inicial de alunos, turma híbrida do antigo e do novo curso, encontro de correntes e cabeças, vários deles ainda por aí, atuantes, no Jornalismo, nas outras áreas da Comunicação e na própria Academia.

Sucessivas gerações de "fabicanos" experimentaram nas páginas do TRÊSPORQUATRO dar os seus primeiros passos jornalísticos. E, ao longo desse tempo, foram dezenas de edições, diferentes enfoques e múltiplas tentativas, sempre na busca de produzir melhor do que a turma anterior. Sucessivos foram também os percalços: a censura política, a falta de recursos e até desânimo, mas houve sempre, também, uma certa fidelidade à proposta do primeiro editorial: "...enquanto existirmos, seremos fiéis aos nossos princípios. Tentaremos cumprir nossos objetivos, em cada edição. Não teremos orientação uniforme em termos editoriais. Aliás, isto é decorrência da própria condição do jornal, que é, antes de tudo, um laboratório de pesquisa jornalística. Enfim, estamos aí".

Olhando esse tempo do jornal, sob a orientação de diferentes docentes, pudemos acompanhar um caminho de realizações como laboratório jornalístico, e agora, desde alguns semestres, sob a orientação do professor Ungaretti, vemos cada nova turma se propondo à experimentação e à superação, a fazer ainda melhor o que já era bom na sua edição anterior.

Por isso, parabéns à Fabico, e à turma que agora produz e edita este exemplar que marca também o 35º ano de atividades. Sucesso e longa vida ao TRÊSPORQUATRO!

Ricardo Schneiders

CONSTRUTORES DE PONTES

Jornalismo se enquadra no grupo daquelas profissões fugazes, não pela sua essência — indispensável — mas pela sua natureza. O desafio é superar obstáculos em um curto espaço de tempo atrás da melhor pauta, do melhor personagem e das melhores palavras dentro do tempo hábil para, quem sabe, daqui um ano, um mês, um dia estar completamente esquecido. Em **Fama e Anonimato**, Gay Talese resume com a autoridade de um repórter obcecado em sair às ruas e “sujar os sapatos” o orgulho que os construtores de pontes de Nova York sentiam ao, décadas mais tarde, enxergar no horizonte as estruturas de ferro que ajudaram a erguer. Salvo raras exceções, poucos jornalistas possuem algo de concreto que possam apontar anos depois e descrever a emoção de fazer parte daquela obra. No entanto, mesmo que nossas pontes sejam menos opulentas e que poucos sigam por aí sujando os sapatos, sabemos que um dia exercitamos de corpo e alma a incessante busca de histórias de excluídos, diferentes e desconhecidos.

Foi movido por esse sentimento de diminuir o fosso que separa a dita normalidade do que foge ao senso comum que nasceu essa TRÊSPORQUATRO. O caminho para achar o melhor caminho, no entanto, foi tão complicado quanto definir o limite entre o respeito e o preconceito. Escolhemos colocar sob o conceito da estranheza os fenômenos frutos da cultura atual. Por tal motivo, substituímos na reta final a palavra inicialmente escolhida — chocante — por um conceito que se distanciasse da idéia do espetáculo e abarcasse com mais inteligência nossa proposta.

Eis, portanto, a nossa justificativa para colocar nessa TRÊSPORQUATRO a voz daqueles pelos quais a sociedade cruza diariamente mas não enxerga, daqueles que sofrem na pele na busca de visibilidade, de artistas que se alimentam dessa realidade, e de preconceitos que resistem até os nossos dias. Por fim, sintetizamos nossa proposta com uma entrevista exclusiva com o publicitário italiano Oliviero Toscani, famoso pela sua luta em abrir os olhos da sociedade para problemas modernos através de campanhas de publicidade.

Por fim, temos a certeza de que saímos dessa experiência mais experientes e mais humildes. Agradecemos ao professor Wladimir Ungaretti por sempre nos lembrar da importância de negociar como forma de trabalhar em equipe. Esperamos que esta TRÊSPORQUATRO seja a primeira de tantas pontes das quais possamos nos orgulhar no futuro.

TRÊSPORQUATRO — FABICO — UFRGS

jornal laboratório dos estudantes de jornalismo — redação iv 2007/2

FOTO DE CAPA Queer Fiction

EDITORIA E REVISÃO

daiana vivan

gustavo coltri skrotzky

maria rita berta horn

natália ramon bridl

paulo roberto raymundo da rocha

tales gubes vaz

PROJETO GRÁFICO & DIAGRAMAÇÃO

gullherme toniazzo machiavelli

(gt.macki@gmail.com)

julia barbosa dantas

(juliadantas@gmail.com)

ORIENTAÇÃO

prof.º wladimir ungaretti

A vida no lixo 4

Na margem de Porto Alegre 6

Um câncer no futebol mundial 8

¿No hay negros en Argentina? 10

Prefiro morrer do que ser gorda 12

A humanidade na encruzilhada 14

Entre a beleza e o grotesco 16

Modificação corporal 20

Bem-vindo ao show de aberrações 22

O corpo humano é o laboratório 24

Caos e Musicalidade 26

Entre integração e discriminação 28

Enclausuradas pela fé 30

O encontro com a injustiça 31

Coisa do capeta? 32

Entrevista: Oliviero Toscani 34

IMPRESSÃO

gráfica da ufrgs

FOTOLITO

gráfica catedral

REPORTAGEM

aline almeida duvoisin; anna catarina lucca da cunha magagnin; carla fernandes bagatini; cristiana lieheld simon; daiana vivan; dalva bavaresco; denise waskow corrêa; emily canto nunes; felipe nascimento prestes; flávio aguilar soares; joão marcos lima coimbra; joseane fonseca demeneghi; lucilene cobalchini; luis felipe silva dos santos; paulo henrique teles de almeida; suzana gomes pohia; wesley lopes kuhn



ANO NO LIXO

O resto que sustenta famílias

anna magagnin
acmagagnin@yahoo.com.br

“O MUNDO FOI A MINHA ESCOLA”, FALOU COM VOZ suave aquela senhora magrinha e morena de roupas coloridas. Maria Salete Soares, 68 anos, mais conhecida como dona Paraguaia, é papeleira. Filha de papeleiros, começou a trabalhar aos 14 anos. Na época, como carrilheira, isto é, pessoas que puxam carrinhos, recolhendo lixo seco pela cidade. O material é vendido e desta venda vem o sustento.

Os papeleiros de Porto Alegre, que trabalham em unidades de reciclagem, ao todo são 14 unidades, têm renda média de R\$ 500 por mês. A prefeitura faz a coleta seletiva e manda para as unidades. Assim funciona o galpão da Vila dos Papeleiros, cujo nome oficial é Loteamento Santa Terezinha. Lá, 21 pessoas trabalham de segunda à sexta. Às 8h da manhã o DMU (Departamento Municipal de Limpeza Urbana) prepara o lixo que será destinado aos galpões de reciclagem. Entre 11h30min e meio-dia chegam os caminhões na unidade da Vila

dos Papeleiros. Por dia, chegam em média três ou quatro. Doze pessoas esperam os veículos. Dali o material é colocado nos begues, que são sacos grandes, e é separado como plástico, papelão, lata ou papel. Depois, uma pessoa separa os diferentes tipos de plásticos, que podem ser mineral, pet, margarina, azeite, plástico não estaloso e plástico estaloso. O papel pode ser branco ou misto. Tudo é limpo, depois prensado e separado em fardos. Os preços variam conforme a classificação. Aos sábados o lixo reciclado é vendido e em média o galpão fatura R\$ 2,6 mil, que é dividido entre os 21 trabalhadores. A cada três meses vêm os produtos de um grande supermercado localizado na avenida Assis Brasil, e neste caso a renda por semana pode chegar até R\$ 250 por pessoa.

O cheiro de comida estragada com papel velho causa indigestão às pessoas que passam

Na vila muitas pessoas, principalmente os homens, são carrilheiros e percorrem a cidade catando lixo seco. Procuram nas lojas e nas lixeiras de residências o material para vender a empresas. Um carrilheiro que carrega de três a quatro carrinhos cheios por dia pode faturar até R\$ 1 mil por semana. No entanto, seu turno de trabalho não tem hora definida para saída e tampouco folga nos fins de semana. Dona Paraguaia conta que antigamente era assim sua vida, pois a coleta seletiva não era tão difundida como é hoje.

No interior do Estado, em Santa Maria, há alguns anos o lixão foi desativado e a coleta seletiva começou a surgir na cidade. A maioria da população ainda não recicla lixo, e a prefeitura distribuiu há alguns meses carrinhos para que pessoas tivessem este trabalho de catar o lixo seco das lixeiras. Lá, os carroceiros, como são chamados, podem portar o carrinho da prefeitura, fazer um ou usar carroça. Existem galpões de reciclagem, mas a maioria das pessoas que trabalha neste ramo usa carrocinha. A renda é de cerca de R\$ 400 por mês. E a busca é feita nas lojas, empresas, e

principalmente em lixeiras da cidade.

Laurenci Carlos de Oliveira conta que abre saco por saco nas lixeiras, procura o lixo seco e depois fecha os saquinhos. Ele procura entre as comidas estragadas, papel higiênico usado, e moscas, o papelão, o plástico, o alumínio que irá levar para casa, para então, lavar, separar e aguardar a chegada do caminhão que prensa e compra o material de Laurenci. O carrilheiro de 44 anos aproveita as horas de folga para complementar a renda familiar. Muitas pessoas nas ruas maltratam os papeleiros, ou recicladores, como preferem ser chamados alguns. Laurenci conta que um zelador de um prédio já o insultou por sujar a lixeira enquanto fazia seu trabalho. Ele, durante a semana, faz bicos.

Em saquinhos de lixo colocados no chão, Angélica tira o sustento da família. O cheiro de comida estragada com papel velho causa indigestão às pessoas que passam. Mas a pequena Andrielle, de sete anos, acompanha o trabalho da mãe sempre que pode. É comum os carroceiros ou carrilheiros carregarem crianças nos carrinhos quando não têm com quem as deixar.

Dona Paraguaia, de Porto Alegre, começou a trabalhar cedo, pois tinha um irmão de 9 anos e uma irmã de 4 para sustentar, costumava levá-los juntos na coleta das lixeiras. “Às vezes, nós tava passando com o carrinho e os carros encostavam, chegavam a parar, daí gritavam ‘sai da frente, maloqueira’”, relata Dona Paraguaia.

O santa-mariense César da Costa, que trabalha com uma carroça puxada por um cavalo, já se envolveu em acidente de trânsito duas vezes. “Comprei outro cavalo e continuei depois. A gente tem que ficar atento no trânsito, porque eles tocam por cima mesmo”, reclama César.

O santa-mariense César da Costa, que trabalha com uma carroça puxada por um cavalo, já se envolveu em acidente de trânsito duas vezes. “Comprei outro cavalo e continuei depois. A gente tem que ficar atento no trânsito, porque eles tocam por cima mesmo”, reclama César.

Voltando à capital, onde Jorge Carlos Oliveira coordena a reciclagem da Vila dos Papeleiros, os casos de discriminação não são

TRÊS
QUA
TRO





Os recicladores da Vila dos Papeleiros já encontraram cachorro ou gato morto enrolados em jornal



menos freqüentes. “Nem sempre é possível abrir créditos em lojas, embora a situação tenha melhorado”, afirma Jorge.

Dona Paraguaia é enfática ao tocar no assunto: “A pior coisa nas famílias pobres, de baixa renda, é a humilhação”. No lixo que vem do DMLU, os recicladores da Vila os Papeleiros já encontraram cachorro ou gato morto enrolados em jornal. “E seguido vem areia com as necessidades dos bichos, imagina isso depois de alguns dias, o cheiro que não tem”, lamenta Jorge.

Dentro de um pequeno escritório, com mesas, monitor de computador, cadeiras e filtro de água, tudo vindo da coleta segundo Jorge, é feita ali a contagem do dinheiro que depois é repartido. O galpão é um lugar escuro e está em obras. No ar um cheiro de mofo, jornal velho e lata vazia dá lugar ao cheiro de comida caseira ao meio dia. Numa pequena cozinha montada, muitos dos recicladores almoçam ali mesmo. O toque do apito de Jorge simboliza a parada para o almoço. Alguns passam em casa, outros dividem o rancho e almoçam no galpão. Custo de dez reais por semana dividido entre todos.

O horário na unidade de reciclagem do Loteamento Santa Teresinha é das 9hs às 12h e das 13h30 às 17h30. A maioria dos funcionários são mulheres. E uma delas é Dona Paraguaia, que, apesar da idade, nem pensa em se aposentar: “Eu já carreguei cinco cargas por dia, quando era nova”, conta ela.

Beizola, dono do bar próximo ao galpão, vive há dois anos em Porto Alegre. O baiano, que antes morou no Rio de Janeiro, afirma que cinco mulheres juntas não fazem o que Dona Paraguaia faz.

O galpão é um lugar espaçoso e com teto alto. Logo que chega o caminhão da DMLU, fica difícil passar por ali com tantos sacos de lixo. Mas Jorge lembra que hoje as coisas estão melhores: “Chego a me emocionar quando vejo tudo limpinho e arrumadinho” conta o papeleiro, que já recebeu do bairro Bom Fim fardos de caixas de leite lavadas e amarradas.

Já para César da Costa, o santa-mariense que puxa carroça, as coisas são mais complicadas. “Não tem domingo, nem feriado”, afirma. Outro santa-mariense, Laurenci, reclama dos ganhos: “Trabalhar, a gente trabalha, porque dinheiro mesmo é pouco”.

Laurenci tem quatro filhos, assim como Dona Paraguaia, que ainda criou mais uma adotiva. Ela já trabalhou como carrilheira para empresas e nas ruas. Hoje, trabalha na unidade localizada na vila construída há dois anos, após os incêndios que destruíram todas as casas. Antes, as 217 famílias viviam em casas feitas de materiais encontrados no lixo. As malocas, por estarem em locais não-permitidos, eram “retiradas” pela Brigada Militar e pela Prefeitura. O material que veio do lixo para a construção das malocas, era novamente rejeitado pela sociedade.

A mulher, que disse que a vida a ensinou e aprendeu a ler sozinha, já esteve na França e foi recebida pelo presidente daquele país. Há algum tempo, enquanto separava papel, encontrou um jornal com uma reportagem sobre ela. Maria Salete Soares dedicou a vida a lutar por melhores condições de trabalho para os papeleiros. Hoje é exemplo na comunidade e respeitada por autoridades do país e do mundo. Dona Paraguaia garante ter orgulho de seu trabalho: “Do papel (lixo seco) eu paguei colégio para os meus irmãos, eu criei meus filhos”.



TRÊS
POR
QUA
LTRO

NA MARGEM DE PORTO ALEGRE

“Talvez houvesse algum tipo de piedade sábia naquilo tudo. Esses homens dos albergues, das sopas dos pobres e das ruas são estorvos. Não são bons e não servem para ninguém, nem para si mesmos. Eles mesmos sentem que as forças da sociedade tendem a arremessá-los para fora da existência.”

O Povo do Abismo, Jack London

TRÊS
QUA

Renegados pela sociedade e sem perspectivas, sem-teto relatam rotina nas ruas da capital

**suzana pohia
sgpohia@gmail.com**

QUEM SE SOLTA PRIMEIRO É JOCIMARA, UMA MATO-grossense que veio para Porto Alegre com um novo companheiro. Chegando aqui, descobriu que o homem “não batia muito bem da cabeça”. Sem alternativas, parou nas ruas com o filho Gabriel, de 3 anos. Antes, quando ainda vivia no Mato Grosso, fugiu do marido violento que a ameaçava com facas. Os filhos mais velhos ficaram com ele, pois eram “bem cuidados pelo pai”.

Sobre a vida nas calçadas, comenta que não gosta de andar com ninguém, só ela e o menino. Para conseguir comida, pede nos restaurantes ou compra quando consegue vender seus chaveiros de R\$1. Nas noites frias do inverno, recorre aos albergues, apesar de não gostar. “Tratam a gente muito mal lá, gritam, parece que a qualquer hora vão te bater. Correm a gente lá pelas seis da manhã, não importa se tá escuro. A gente já acorda assustada com os berros que dão. E tem que cuidar, porque os vizinhos acabam roubando. Eu durmo com o chinelo embaixo do travesseiro.”

O diálogo acontece na passarela da rodoviária de Porto Alegre. Ao redor, uma dezena de pessoas dorme em cima de papelões ou no chão duro. A cena poderia se enquadrar ao começo do século xx em Londres, quando a vadiagem era crime. Os

homens sem casa não podiam dormir nas ruas durante a noite, pois sempre tinha um policial vigiando. A solução era descansar durante o dia, para reunir forças para atravessar as madrugadas vagando.

Jocimara conta que um dos piores problemas de não ter casa é a hora de dormir, pois não há como ter um sono tranquilo. “Não posso me descuidar que tentam roubar. Agora mesmo tava cochilando e quando vi tinha uma mendiga tentando puxar minha bolsa. Segui aqui e quando vi ela voltou de novo. E não sabia se ela queria bolsa ou o menino. Me abracei bem nele. Meu menino ninguém leva”. Nessa hora, uma outra mulher entrou na conversa falando que tem que “tomar cuidado mesmo, sempre tem gente tentando roubar crianças.”

Lúcia tem 21 anos, está grávida do sétimo filho. Diz que a barriga é de dois meses, mas pelo tamanho fica a dúvida. Os outros filhos moram com a mãe e o pai na casa nova na Vila dos Papeleiros, na capital gaúcha. Das sete crianças, nenhuma tem o mesmo pai. Até agora, são cinco meninas e um menino, o caçula. “O pai do Luiz Henrique assumiu as outras. Todas receberam o nome dele, mas ele morreu atropelado, um ônibus passou por cima. Foi a única vez que recebi dinheiro. Mil e pouco. Paguei uma dívida da minha mãe, já que é ela quem cuida das crianças, e comprei roupa pra eles. Gastei tudo, mas foi bem gasto.”



Ela nunca pensou em controlar o número de filhos. A maternidade lhe traz alento, vontade de continuar vivendo. Cometer suicídio é um pensamento freqüente para o povo das ruas. O dia-a-dia repleto de necessidades, sem perspectivas de um futuro promissor, faz com que a vida perca seu valor. A saída é procurar um ponto de fuga. Muitos se entregam para os vícios. Outros, como Lúcia, acham alternativas diferentes.

“Parei de usar drogas e beber agora que tô de barriga. Já ofereceram dinheiro para ficar com meu filho, mas não quero vender. Eu quero ele, mesmo que não more comigo, fico com ele durante um tempo. É tão bom. A vida na rua é cheia de necessidade, mas o bebê traz alegria.” Enquanto falava sobre seus filhos, um sorriso aparecia no seu rosto cada vez que uma criança passava ao redor. “Olha que coisa linda.”

O motivo que fez Lúcia trocar sua casa pelas calçadas é um tema delicado. Ela vivia numa maloca de três cômodos, que a família comprou por R\$400, com a mãe, o pai e mais duas irmãs. “Fui parar na rua quando tinha 11 anos. Meu pai bebia, batia na minha mãe e tentava abusar de mim e das minhas irmãs. Tenho vergonha de contar isso. Não é pra todo mundo que falo. É meu pai de sangue, ele não pode fazer isso”.

Há cinco meses ela está com um companheiro. João Gilberto, um gaúcho que morava em São Paulo e voltou quando se separou da mulher, que “enlouqueceu”. A loucura foi causada pelo ciúme excessivo. Deixando para trás o emprego de faxineiro num shopping e os dois filhos, ele veio para casa de familiares na grande Porto Alegre. Teve teto durante o tempo que o dinheiro durou. No fim, sem emprego e sem recursos, se viu jogado na rua. O pai, que está em São Paulo, não sabe da situação atual do filho.

A possibilidade de conseguir um trabalho fixo para aqueles que moram nas ruas é remota. A sobrevivência é garantida pelos bicos e, principalmente, pelas latinhas e papelões. Essa é a principal fonte de renda. Isso ocorre porque a miséria mina a capacidade do indivíduo. Não há condição de um homem mal alimentado manter uma jornada de trabalho. Os farrapos que servem como roupa também afastam a possibilidade de emprego.

Segundo o casal, o banho diário é possível numa casa de convivência na rua Caldas Junior. Nesse lugar, eles fazem um cadastro que permite o uso dos chuveiros e algumas horas na frente da televisão. A higiene só não é completa por causa das roupas. Eles possuem apenas uma muda, o resto tiveram que vender para comprar comida. O mesmo destino teve o carrinho de supermercado que utilizavam para juntar lixo.

João Gilberto guarda ran-cor dos parentes. Desde que se tornou um habitante da rua, busca comida e dinheiro catando latinhas e papelão. Agora que possui uma nova, família a renda fica apertada, quando não consegue arrecadar o suficiente para a alimentação, dá prioridade para Lúcia se alimentar. No inverno, os dois se abrigaram num hotel que cobra R\$7 a diária por casal. O lugar vai voltar a ser utilizado com o avanço da gestação.

Pelas suas contas, com o dinheiro gasto na hospedagem daria para comprar um barraco numa vila, mas o pagamento teria que ser à vista. Meta impossível para um morador de rua que nunca sabe quando vai ter condições de se alimentar. Eles sempre têm que pensar somente o dia de hoje, não sobra forças para imaginar o amanhã. Segundo Lúcia e Gilberto, o pior sentimento de morar na rua é a rejeição. Para ele, Porto Alegre é a cidade mais preconceituosa que conheceu. “Em outros lugares tu entra e se tu mostra o dinheiro eles te atendem. Aqui, mesmo com dinheiro te correm e ameaçam chamar a polícia.”

Esse descaso com os moradores de rua não é novidade e, tampouco, exclusividade da capital gaúcha. No livro *O Povo do Abismo*, Jack London relata a crueldade com os miseráveis londrinos no início do século xx. Na noite de coroação do rei Eduardo VII, um homem e uma mulher aproveitaram o descuido dos policiais e dormiram em um banco. O escritor conta o que sucedeu: “De vez em quando, meninos e rapazes paravam e aproximavam-se para dar vazão a gritos repentinos e diabólicos. Os gritos arrancavam os maltrapilhos do sono e a multidão soltava risadas estrepitosas diante da visão da miséria amedrontada”.

A polícia também é responsável por atormentar os sem-teto. Eles relatam que alguns brigadianos ficam com seu dinheiro após as revistas, por exemplo. Mas a história mais chocante aconteceu com Lúcia. Numa batida, em um bar na avenida Farrapos, um policial ameaçou dar um chute na sua barriga caso ela não contasse quem eram os traficantes da região. Lúcia, que estava lá apenas para tomar um café, disse que não sabia. Mesmo assim, o homem seguiu ameaçando. O ato trágico foi impedido por uma policial, que intercedeu a favor dela e garantiu sua segurança.

Outro escritor que conviveu com a miséria no começo do século foi George Orwell, que narrou sua experiência no livro *Na Pior em Paris e Londres*.

Por cerca de dois anos, ele morou nos subúrbios dessas duas cidades. Passou fome, trabalhou em subempregos e freqüentou os albergues londrinos. “Quando você se aproxima da pobreza, faz uma descoberta que supera algumas outras. Você descobre o tédio, e as complicações mesquinhas e os primórdios da fome, mas descobre também o grande aspecto redentor da pobreza: o fato de que ela aniquila o futuro”, relata o autor inglês.



As pessoas e os lugares são diferentes, mas muitos fatos registrados nesses livros seguem atuais. A falta de oportunidades e de possibilidade de ter um futuro melhor infelizmente continua. E o preconceito é o pior vilão. Quando a pessoa passa a não ter mais autoestima e a ver a expressão de nojo no rosto dos outros, ela acredita não ser mais digna de respeito. Ela não acredita mais em si mesma. Por isso, elas se tornam carentes também de atenção e afeto.

O povo das ruas, para muitos, representa uma chaga na sociedade. No entanto, os sem-teto tentam levar uma vida digna. Uma opção para curar esta ferida é apontada por Orwell, que assim concluiu sua experiência em meio à miséria: “Nunca mais vou pensar que todos os vagabundos são patifes bêbados, nem esperar que um mendigo se mostre agradecido quando lhe der uma esmola, nem ficar surpreso se homens desempregados carecem de energia, (...), nem recusar um folheto de propaganda, nem me deleitar com uma refeição em um restaurante chique. Já é um começo.”

UM CANCELER FUTEBOL M

Manifestações racistas nas arquibancadas causam grande polêmica

NO PRINCÍPIO, FUTEBOL NÃO ERA ESPORTE DE NEGROS. No Inter, no Grêmio, no São Paulo, no Corinthians, no Flamengo ou no Vasco. O Bangu foi o primeiro clube a formar um time com jogadores "de cor", pois os funcionários negros da fábrica dona do time eram melhores que os diretores brancos. Em 1923, o Vasco da Gama foi campeão da segunda divisão carioca com um time formado majoritariamente por negros e mulatos. O fato provocou revolta nos aristocráticos clubes da primeira divisão, que exigiram a expulsão dos 12 atletas negros presentes no elenco cruzmaltino. O Vasco não aceitou. Separou-se dos grandes clubes e juntou-se aos pequenos. Dois anos depois, os grandes clubes perceberam o potencial do atleta negro, abriram seus elencos e aceitaram novamente o Vasco na sua liga.

TRÊS
QUA
TRO

Oitenta e três anos depois, em 2005, o zagueiro argentino Leandro Desábato chamou Grafite de macaco e negro de merda em campo. Saiu algemado do gramado. Boa parte da imprensa e dos especialistas em futebol considerou a denúncia de Grafite um exagero, o que virou piada na Argentina.

No mesmo ano, Tinga foi hostilizado por uma parte da torcida do Juventude. No ano seguinte, o volante gremista Jeovânio foi ofendido com um gesto racista pelo zagueiro Antônio Carlos, então juventudista.

Neste ano, um grupo de neonazistas identificados com a torcida do Grêmio foi preso por agredir um punk. Na apresentação dos criminosos, são mostradas imagens que ligam os símbolos tricolores a pôsteres nazistas.

NÃO HÁ MOVIMENTO FASCISTA NO GRÊMIO

O delegado Paulo César Jardim, responsável pelo caso, se apressa em separar as coisas. "Não dá para dizer que existe um movimento racista na torcida do Grêmio", diz. Os skinheads foram presos por uma agressão ocorrida após o GRÊNAL, mas a ação violenta não teve nada a ver com futebol. O jovem punk, Fábio Endrigo, foi espancado no Centro de Porto Alegre, mais de cinco quilômetros de distância do Estádio Olímpico, e não estava identificado com nenhum objeto do Inter. A rigor, Fábio foi vitimado pela "guerra aberta" que existe entre punks e skinheads na cidade - e que já foi mais violenta, mas diminuiu bastante depois da condenação de três caçecias por espancaram um jovem judeu em 2005.

O esforço do delegado em não ligar os skinheads presos - Diego Santa Maria e Renan do Amaral Pereira - à torcida do Grêmio é grande. Jardim acompanha conflitos envolvendo skinheads e neonazistas há cinco anos, mas ainda não viu crescer um movimento organizado relacionado a alguma torcida da capital. "Inclusive a mídia tem que ter responsabilidade na hora de divulgar isso. O que existe é um movimento skinhead, independente da opção esportiva. Não tem nada a ver com a torcida do Grêmio, não é um movimento da Geral", explica. A afirmativa é compartilhada pelos principais membros da torcida. "Vamos esclarecer de uma vez por todas: não existe um movimento skinhead dentro da Geral", é o que diz a posição oficial da torcida veiculada no Orkut.

Apareceu na internet um pôster, supostamente da Camisa 12, que chama os neonazistas tricolores para o confronto. "Os lados estão formados, estamos prontos para a guerra", di-

"Em que outro lugar do mundo tu pode chamar os negros de macacos e ser aplaudido?"

luís felipe dos santos
luisfelipe@gmail.com

zia o pôster, tendo como fundo uma imagem de negros com punhos fechados. O delegado Jardim ri quando soube desta história. "É uma grande viagem", respondeu.

A RESPOSTA COLORADA

Nos últimos jogos do Internacional, surgiu uma faixa com a inscrição: "O clube do povo contra o racismo". "O clube do povo contra o", em vermelho; "racismo" em azul e preto, numa menção ao rival. Ronald Miorin, um dos autores da manifestação, afirma que a torcida do Internacional tem direito de cobrar atitudes contra o racismo. "Se eu criar um canto aqui chamando os negros de sujos, de macacos, ou a torcida vai me xingar ou a segurança vai me botar para fora". Quando informado que, segundo o delegado, o movimento racista nada tem a ver com a torcida do Grêmio, Miorin questiona. "Em que outro lugar do mundo tu pode chamar os negros de macacos e ser aplaudido?"

Miorin refere-se aos cânticos gremistas que descrevem os colorados como "macacos". Após o caso Jeovânio, em 2006, estes cantos receberam questionamentos até mesmo dentro do Grêmio. Antônio Carlos foi condenado pela Justiça Desportiva por ter feito um gesto racista - "limpou" o braço direito - e por xingar o volante gremista Jeovânio de macaco. Então, começou um questionamento: por que os cantos envolvendo a palavra "macaco", de forma pejorativa, não eram punidos? O vice de administração do Grêmio na época, Marco Antônio Scapini, reuniu-se com líderes da Geral do Grêmio para dizer que eles deveriam evitar tal xingamento, evitando eventuais punições ao clube. O fato foi divulgado na Zero Hora e recebeu contestações.

Numa matéria, três líderes da torcida aparecem justificando a palavra: "Os colorados são chamados de macacos porque copiam tudo, não porque são negros. O Grêmio tem uma estrela dourada em homenagem a Everaldo, que era negro; o autor do hino gremista é negro. Isso demonstra que não somos racistas".

Marco Scapini foi procurado para responder se mantém a mesma opinião, um ano depois do ocorrido, mas não quer mais falar sobre o assunto. "A imprensa divulgou uma inverdade, que eu teria dito para a Geral trocar 'macaco'

8



RNO MUNDIAL

imundo por 'colorado' imundo. Dois advogados do Inter me processaram por isso. Então, eu prefiro não comentar mais nada", declarou Scapini, que não respondeu se acha a palavra "macaco" uma palavra racista. "Qualquer declaração minha será diretamente ligada ao Grêmio. Se quiser uma opinião sobre o assunto, procura o presidente Paulo Odone", afirmou.

Odone recentemente envolveu-se numa polêmica com o conselheiro do Grêmio, Carlos Josias, que o acusou de racismo. O deputado assinou, em julho de 2006, um termo no Ministério Público de combate à discriminação racial, graças à repercussão do caso Jeovânio. Na esteira, o clube vendeu camisetas com a inscrição "100% negro, azul e branco", para demonstrar de que lado está na briga.

OS CANTOS NÃO CESSARAM

Quando o Grêmio foi campeão gaúcho em 2006, os jogadores – inclusive Jeovânio – cantaram no Beira-Rio uma música com a frase "chora macaco imundo, que nunca ganhou de ninguém". O caso gerou repercussão na imprensa de Caxias do Sul, que reclamou da incoerência da Federação Gaúcha de Futebol. "O caso Antônio Carlos gerou uma repercussão nacional, uma reação forte contra o racismo, o que foi muito importante. Mas o destaque não se repetiu quando envolveu o Grêmio. A tolerância com alguns casos não faz bem", comenta Ciro Fabres, jornalista do Pioneiro. Ciro, na ocasião, escreveu uma crônica sobre o caso para uma reportagem especial do jornal caxiense. Na reportagem, o volante Jeovânio foi questionado sobre cantar a palavra "macaco", mas não respondeu ao repórter.

O termo causa polêmica entre os torcedores gremistas. A maioria dos tricolores não concorda com a atribuição racista da palavra. Contra essa corrente está o professor de Letras gremista Paulo Seben. "O xingamento 'macaco', é racista, sem dúvidas. Algumas pessoas dizem que é questão de tradição, mas essas mesmas pessoas não chamam os colorados de 'sacis'. Seben relata que a apropriação do termo pelos colorados é uma atitude defensiva, e também condena outros tipos de preconceito nos campos de futebol – tais quais a homofobia, presente em quase todas as torcidas do Brasil. "É uma espiral de violência.

A juventude está acostumada com a ofensa, a intransigência, esse comportamento 'tribal' apregoadado pelos gurus neoliberais. Só que não dá para defender a violência", afirma. O colorado Ronald Miorin, autor da faixa contra o racismo, tem uma idéia semelhante à de Seben. "A nossa faixa não é para provocar os racistas. É para provocar os não-racistas que estão no Grêmio, para que eles tomem uma atitude e ajudem a acabar com este comportamento".

UM PROBLEMA SOCIAL

A Fundação Perseu Abramo deflagrou em 2004 uma campanha chamada Diálogos Contra o Racismo. A campanha pretende encontrar onde está o racismo no Brasil, uma vez que a imensa maioria dos brasileiros admite a existência deste, mas não admite ter preconceito. Esta distorção tem aspectos relevantes: 64% da população de baixa renda no Brasil é negra; 80% dos jovens assassinados, entre 16 e 24 anos, são negros; mulheres negras têm remuneração quatro vezes menor que homens brancos.

No futebol, podemos observar que, embora aconteçam avanços no combate à discriminação nos estádios, os negros não têm conquistado espaços relevantes além do campo. Na primeira divisão nacional, não há treinadores negros. Nos conselhos deliberativos do Grêmio e do Internacional praticamente não existem negros, e nenhum presidente negro foi eleito nos dois clubes nos últimos trinta anos.

Se no Brasil o racismo no futebol é menos descarado que na Europa ou na Argentina – afinal, temos uma maioria de população negra e parda – é fato que o país avançou muito pouco no combate a certas discriminações. Tende a avançar menos ainda se questões fundamentais, como o comportamento de torcedores nos estádios, forem relevadas.



CADA MACACO NO SEU GALHO

Exemplos recentes de situações racistas no futebol:

▣ O atacante camaronês Samuel Eto'o, em fevereiro de 2006, ameaçou abandonar uma partida do seu time – Barcelona – contra o Zaragoza, por ouvir a torcida rival imitar macacos quando ele tocava na bola. Desde então, Eto'o passou a comemorar seus gols imitando um gorila.

▣ O treinador Javier Clemente, espanhol, fez referências ao símio ao citar jogadores negros ao criticar uma atitude de Eto'o, que cuspira num atleta seu. "Os que cospem são os que descem da árvore", afirmou para a imprensa.

▣ Em novembro de 2004, o lateral marfinense Zoro, do Messina, saiu de campo depois de ouvir a torcida da Inter de Milão imitar macacos.

▣ O treinador Luís Aragonés comandava a seleção espanhola em 2005. Na ocasião, disse para o atacante Reyes: "você joga mais que aquele negro de merda", referindo-se ao atacante francês Henry. A Federação Espanhola foi punida com € 3 mil.

▣ Em 2001, o atacante nigeriano Omolade foi ofendido com inscrições racistas pela torcida do seu próprio clube, o Treviso. Em resposta, os jogadores do Treviso entraram em campo com o corpo pintado de negro. A torcida respondeu com uma faixa: "Nossas cores: branco e celeste".

▣ No mesmo ano, o treinador do clube dinamarquês Farum, Christian Anderson, disse que não queria negros no seu time. "Eles só caminham com a bola, depois explodem de repente. Não é assim que se joga futebol na Dinamarca", afirmou. O Farum não conseguiu, naquele ano, a promoção para a primeira divisão dinamarquesa.



¿NO HAY NEGROS EN ARGENTINA?

Uma intercambista em busca da presença negra em território hermano

EM MEADOS DE AGOSTO DE 2007 CHEGUEI À Argentina. Mais precisamente a Paraná, capital da província de Entre Ríos, com objetivo de realizar um intercâmbio promovido pela Asociación de Universidades Grupo Montevideo (AUGM), da qual participa a UFRGS. A proposta era cursar um semestre de matérias do curso de Licenciatura em Comunicação Social da Faculdade de Ciências da Educação da Universidade Nacional de Entre Ríos (UNER). Entre Ríos é conhecida na Argentina por ser a província em que mais se toma mate. O Rio Grande do Sul, por sua vez, é praticamente o único estado onde se bebe chimarrão, praticamente o mesmo mate gaúcho. Mas deixando de lado o estranhamento que causa mudar-se de Porto Alegre, que tem em torno de 1,5 milhão de habitantes, para uma cidade com 250 mil como Paraná, o que mais me espantou foi não encontrar negros em minhas andanças pelas calles (ruas) de uma cidade tão próxima. Ainda que o Rio Grande do Sul seja um estado de forte colonização européia, há negros em todas as capitais brasileiras, afinal, o Brasil é um país onde 45,6% da população é negra. Sendo assim, um dos primeiros questionamentos que me fiz já no início do intercâmbio foi exatamente esse: ¿No hay negros en Argentina? E essa matéria nada mais é do que uma tentativa de responder a esta pergunta.

PASSADO, PRESENTE E FUTURO DOS AFROARGENTINOS

Descendente de negros brasileiros, a professora da Facultad de Ciencias de la Educación da UNER, Cláudia Rosa, afirma que não apenas existem negros na Argentina, como eles já foram maioria: de acordo com um censo realizado no século XIX, após o período colonial, um em cada três habitantes do território que hoje é Argentina eram negros. Hoje, segundo estimativas do governo e das organizações ligadas à questão, apenas 6% da população é negra, ou como preferem se autodenominar os próprios negros, afroargentinos.

Assim como ocorreu no Brasil e na maioria dos países da América Latina, na Argentina também houve tráfico de negros e escravidão. De acordo com Claudia Rosa, no en-

tanto, a Argentina foi muito mais um lugar de passagem de negros que eram encaminhados a outras regiões da América Espanhola do que sua residência. Os poucos que realmente se quedavam (ficavam) em solo argentino viviam em Buenos Aires, na época importante porto de entrada de escravos da região do Rio da Plata e que depois eram enviados ao Chile, Bolívia, Colômbia, Paraguai e até mesmo ao Brasil. Segundo a professora, esta seria uma das razões pelas quais há menos negros na Argentina do que nos países que a circundam.

Outros acontecimentos que explicariam a quase desaparecimento dos negros na Argentina seria a declaração de liberdade de ventres em 1813 (filhos de escravas nascidos após esse ano foram considerados livres), e a abolição efetiva da escravatura em 1853, trinta anos antes que o Brasil, por exemplo. Além disso, ao contrário do que ocorria na maioria dos países vizinhos, os negros que viviam na Argentina não eram destinados ao trabalho no campo, mas sim ao trabalho doméstico como criados ou amas, na zona urbana de Buenos Aires. Segundo Claudia Rosa, essa característica da escravidão na Argentina refletiu em melhores tratamentos aos negros que viviam aí do que os que moravam em território brasileiro. Lucia Molina, afroargentina idealizadora da Casa de la Cultura Indo Afro Americana de Santa Fé, discorda e ressalta que ainda assim esses escravos sofriam maus tratamentos. “Talvez não tanto como os que viviam no

emily canto nunes
emilynunes@gmail.com

Brasil, que iam para o tronco, mas igual foram maltratados, ao contrário do que se costuma dizer por aqui”. Para ela, esse seria outro mito como o de que não há negros na Argentina. Sobre esta questão, é preciso não se olvidar (esquecer) que os negros que chegavam ao porto de Buenos Aires eram sobreviventes de condições sub-humanas de viagem. Como destacou Claudia Rosa, o negro que chegava às margens do Rio do Plata valia por cinco. Pelos outros cinco que morreram na travessia.

Para a professora, outro fato histórico que explica, ou explicaria, a quase desaparecimento dos negros é a utilização destes como batalhão de frente em muitas guerras, como a da Independência da Argentina (1816) e a Guerra do Paraguai (1864-1870), onde teriam sido quase exterminados. “Quando escravizados, os negros eram enviados no lugar dos filhos dos grandes saladeiros ou charqueadores argentinos; quando livres, sem donos que lhe assegurasse abrigo ou trabalho, os negros não possuíam alternativa que não a de se alistar no exército”, relembra Claudia Rosa. Arelada a este contexto de guerras está o desenvolvimento do ideal conhecido por “Civilização ou Barbárie” adotado por muitos governantes da época, em especial Domingo Sarmiento (1866-1872), popularmente apontado como um dos maiores responsáveis pela desaparecimento de negros e índios. Para Sarmiento, o branco era expressão da Civilização e o negro e o índio da Barbárie. Outra questão a respeito das guerras é em relação às mulheres negras. Mário, esposo de Lucia Molina, se pergunta e me pergunta: “As mulheres não iam à



INADI
INSTITUTO NACIONAL CONTRA
LA DISCRIMINACION, LA XENOFOBIA
Y EL RACISMO

Ministerio de

No al RACISMO
hacia los/as Afrodescendientes

- Visibilización de los/as afrodescendientes como parte de una Argentina pluricultural y multiétnica
- Reconocimiento de los aportes históricos en la formación de la Identidad Nacional
- Apoyo y Promoción para el desarrollo de la cultura de los/as afroargentinos/as
- Implementación de políticas afirmativas para la comunidad afro en la Argentina

¿Te discriminan? ¡Llámanos!
Centro de Denuncias
Tel.: 0800 999 2345 - email: denuncias@inadi.gov.ar
www.inadi.gov.ar

guerra; então o que houve com elas?”

Hoje, dois séculos após a entrada da população africana na Argentina, é possível afirmar que o que ocorre no país hermano é resultado de um processo de invisibilização do negro através de uma forte miscigenação. Aproveitando-se do fato de que a Casa de la Cultura Indo Afro Americana é, em realidade, uma extensão de sua própria residência, Lucia chamou dois de seus filhos para que eu pudesse observar melhor a miscigenação e essa conseqüente invisibilização. Seus dois filhos com Mário, branco, diga-se, apresentam uma cor de pele que se assemelha mais à de Lucia, mas que na Argentina não é caracterizada como negra, e sim como morocha (morena) ou trigueña (cor de trigo). Esses dois termos, ressalta ela, são utilizados para designar qualquer pessoa que tenha uma pele mais escura que a branca predominante, seja ela de origem negra ou índia. Lucia Molina chama atenção também para os rasgos (traços) de seus filhos: um tem o nariz mais largo como o seu e o outro um nariz mais fino, como o do pai Mário. “Como éramos poucos, a miscigenação chegou a tal ponto que não se encontra mais negros como os originários da África ou mesmo os do Brasil que conservaram fenótipo e onde a população negra é e foi muito maior. Aqui ficaram somente alguns vestígios das ‘avós’ índias e negras que o povo argentino possui, mas se esquece”.

Outro termo empregado para a questão dos negros na Argentina é o de assimilação. Em seu *Plano Nacional contra la Discriminación*, lançado em 2005, o governo de Néstor Kirchner assume que o Estado argentino de outros tempos seguiu o que Zygmunt Bauman denominou de “modelo liberal de negação da alteridade”. A Argentina não só teria homogeneizado a figura do outro em uma só alteridade como também negou o outro, ou outros, através da negação de suas línguas, de seus costumes e culturas. E, segundo o texto, o Estado argentino se estabelece através desta negação de sua própria origem e história e da tentativa de se transformar naquilo que considerava símbolo da modernidade e do progresso. Lucia exemplifica essa questão: “o argentino ainda acredita que a Argentina é a Europa e que Buenos Aires é a Paris das Américas”.

De acordo com Lucia, é exatamente contra esse pensamento que lutam atualmente os afroargentinos: para eles, é necessário que o povo reconheça suas origens e se reconheça como tal, seja descendente de negro, de índio ou de judeu. E foi buscando esse reconhecimento que organizações africanas e de afrodescendentes da Argentina realizaram, no início deste ano, um piloto nos bairros de Montserrat, de Buenos Aires, e Santa Rosa de Lima, em Santa Fé, para verificar a quantidade e as condições de vida dos descendentes de africanos no país. A iniciativa contou com financiamento do Banco Mundial e apoio técnico do Instituto Nacional de Estadísticas y Censos (INDEC) e da Universidad Nacional Tres de Febrero. O objetivo da iniciativa é de que no próximo censo populacional, a ser realizado em 2010, seja incluída no questionário uma pergunta sobre as possíveis origens africanas do povo argentino.

“COSAS DE NEGROS” E OUTROS CASOS DE RACISMO

Apesar da professora Cláudia Rosa ter afirmado que a Argentina é um país tão racista quanto o Brasil, mas não mais, alguns casos ainda chocam mesmo uma brasileira. Escutando algumas vezes a Rádio Cualquiera (www.radiocualquiera.org.ar), uma iniciativa de rádio independente em Paraná, deparei-me com um programa que vai ao ar todas as sextas-feiras, das 22h à meia-noite, chamado “Cosas de negro”. O nome me causou estranhamento devido ao fato de que no Brasil muito já se debate



Aunque no parezca al abuelo del abuelo de Juan Carlos

lo trajeron de África a la Argentina como esclavo

SER AFRODESCENDIENTE
Llegaron, por que los trajeron
De prepo nomás,
Arrancados de sus pagos.

Se afincaron como pudieron
Se quedaron y siquieron...
Se callaron hasta mimetizarse.

Pero... dicen que África sigue al Negro a donde se vaya.
Mamá África se rehace,
En cada célula y se reproduce para
No morir.

Así, generaciones tras generaciones,
Denotan su paso,
A pesar del blanqueamiento.

El silencio fue... y se transformo
En un grito ahogado.
Hasta que al liberarse pueda decir:

!Aquí nos trajeron!
!Aquí nos quedamos!
!Y ahora... AQUÍ ESTAMOS
Luchando por nuestros derechos!

Lucia Dominga Molina,
afroargentina

sobre o uso de expressões racistas, como a palavra “preto” para designar um negro. Na Argentina não sucedeu o mesmo. Este programa, apresentado por dois jovens de Paraná, define-se como um programa de puro rock nacional, mas vai muito além. Eles intercalam com a música a leitura bem-humorada de notícias absurdas e engraçadas, de piadas de bom e de mau gosto. Porém, o que mais chama atenção de um ouvinte que não está acostumado a certas expressões são as vinhetas do programa, que dizem coisas como “pular dentro do elevador é coisa de negro”.

De acordo com a professora Claudia Rosa, o que ocorre com essa expressão e com outra também muito utilizada, “negro de mierda”, é que elas não mais fazem referência ao negro pela cor de sua pele, mas a qualquer um que se deseja ofender. É por esse e por outros motivos que os descendentes de negros africanos preferem se denominar de afrodescendentes ou afroargentinos. Para Claudia, é claro que muitas dessas expressões contêm um preconceito (preconceito) étnico, mas na maioria das vezes, são utilizadas como um preconceito social, de classe. Em sua opinião, por mais que a presença destas expressões possa atrapalhar na superação do racismo ou mesmo na luta contra qualquer espécie de xenofobia, uma língua não se modifica por leis, e sim pelo uso. Sobre este tema, Lucia Molina recordou que expressões pejorativas com a palavra “negro” não são de hoje. Na Buenos Aires de antigamente utilizava-se duas palavras para designar o negro: uma para aqueles que ainda cultivavam suas raízes, sua comida, sua música, sua língua, o “negroche”, como de Che Guevara, e outra para designar o negro que já tinha adquirido a cultura espanhola e que não se reconhecia como descendente de negros africanos: “negrousted”.

Lucia Molina recordou-se ainda de dois episódios que ilustram bem o processo de invisibilização dos negros e o racismo ainda presente. O primeiro ocorreu na abertura de uma exposição. Apresentada ao artista, Lucia notou que este trazia rasgos africanos em seu rosto. Perguntou então se ele tinha conhecimento de algum negro na família, pois seus traços eram como os dela. O artista respondeu contundentemente que não. Lucia então perguntou seu apelido (sobrenome) e em seguida da resposta, disse ao artista: “Ah, Molina, mira vos (veja só), exatamente como o meu”. Ela abriu um enorme sorriso. Em outro momento, Lucia me brindou com mais um ótimo exemplo: “Não sei se há no Brasil, mas aqui na Argentina há uma lei que chama Lei de Admissão. Os estabelecimentos têm direito de escolher quem pode e quem não pode entrar de acordo com seus próprios critérios. Um dia, meus dois filhos (os mesmos que já tinham sido apresentados) foram a uma casa noturna. Um deles, de traços mais semelhantes aos de Mário, entrou. Quando chegou a vez do outro, de traços mais similares aos meus, de negro, ele foi barrado. Meu outro filho que já estava dentro da casa noturna retornou e disse aos seguranças que eles eram irmãos e mostraram os documentos de identidade. O segurança então proibiu a entrada dos dois”.

TRÊS
POR
QUA
LTRO

PREFIRO MORRER DO QUE SER GORDA

Na busca por um padrão de beleza inatingível, um número crescente de pessoas encontra em doenças como a bulimia e a anorexia alternativas para emagrecer. Quando não desconhecem, simplesmente ignoram as conseqüências dessa decisão

dalva bavaresco
dalvabav@yahoo.com.br
denise waskow
denisewaskow@gmail.com

TRÊS O DESEJO DE SER E ESTAR BONITA E DE DEMONSTRAR
QUA estilo e personalidade vai além da escolha de
ETRO roupas, maquiagem ou sapatos. Reflete um estilo de vida: a busca incondicional pelo corpo perfeito, cada vez mais magro e próximo do ideal exibido pelas modelos.

Na adolescência, esse se tornou um dos objetivos da jovem Alice Torres*, 21 anos. Após ganhar aproximadamente dez quilos, encontrou na bulimia uma forma rápida de combater a sua insatisfação e a externada pelas pessoas próximas. "A minha família e as minhas amigas diziam: 'Alice, tu não era assim, tu vai explodir de tanto comer'", recorda a estudante de Direito da PUCRS. Angustiada e descontente com o aumento de peso, Alice começou a vomitar após as refeições.

Durante um ano, esse ritual fez parte de sua rotina. Hoje, ela se considera recuperada. Mas a preocupação com o corpo permanece, e a bulimia surge como uma opção caso ela volte a se achar gorda. "Se eu engordar e sentir que preciso vomitar, eu vou vomitar."

Para provocar o vômito, Alice explica que existem diversas técnicas, como "virar o estômago", pressionando a região abdominal, colocar a escova de dentes ou os dedos na garganta e beber muita água quente logo depois de comer. Mas tudo tem que ser feito rapidamente. "Quem tem bulimia não agüenta esperar mais de meia hora, porque senão a comida é absorvida pelo corpo, e isso dá medo.

Tu tem que comer ligeiro, pra depois vomitar tudo". Muitas vezes, são usados

alimentos que servem de marcadores. É o caso do salgadinho Doritos, de forte coloração. Ele é ingerido antes da refeição para que, ao vomitarem, as meninas possam reconhecer sua cor e ter a certeza de que não restou nenhum resquício de comida no organismo.

Outro recurso purgativo é a evacuação induzida com o auxílio de enemas e laxantes. Entre os medicamentos para emagrecer, Alice revela que o mais comum é o Dualib. "É um remédio tarja preta, mas a maioria das meninas consegue receita com os médicos da família."

O grande objetivo dessas jovens, no entanto, não é vomitar. O ideal é não comer. É aí que surge a anorexia. O transtorno se caracteriza pela ingestão de pequenas quantidades ou pela não-ingestão de alimentos. São pessoas que comem muito pouco, mas, ainda assim, podem recorrer a vômitos e a medicamentos para emagrecer.

A principal diferença entre bulimia e anorexia é o peso corporal. Enquanto na bulimia o Índice de Massa Corpórea (IMC - calculado pela divisão do peso pelo quadrado da altura da pessoa) médio varia de 18 a 20 - o que está dentro de uma faixa de normalidade - um resultado inferior a 17,5 caracteriza anorexia. É o distúrbio alimentar com a maior taxa de mortalidade: pode chegar a 15%.

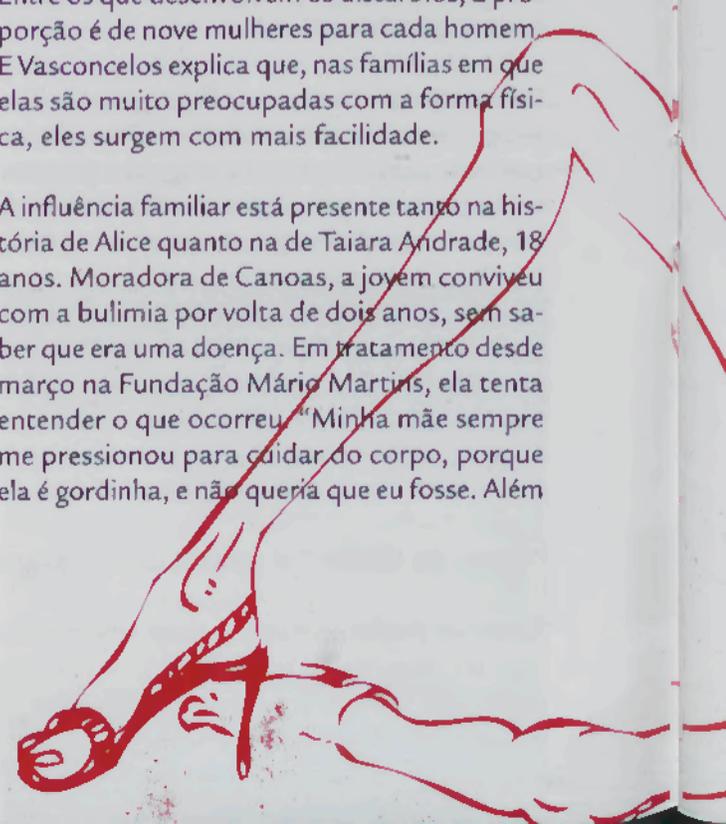
Mesmo conhecendo os riscos, Alice admira as pessoas que apresentam o distúrbio. "Quando eu vejo uma pessoa com anorexia, eu penso:

'sorte a dela'. Porque ela se controla e consegue ficar sem comer", declara Alice.

O psicólogo da Fundação Mário Martins Roberto Vasconcelos, que há mais de dez anos trata pacientes com anorexia e bulimia em Porto Alegre, aponta uma outra razão, além da preocupação excessiva com a forma física, para o surgimento dessas doenças. Segundo ele, alguns adolescentes não querem desenvolver o corpo para não ingressar na fase adulta. "A sensação de incapacidade é muito grande", avalia. Também defende que "a origem dos transtornos alimentares geralmente está na relação mãe e filho, marcada por algum tipo de perturbação".

Entre os que desenvolvem os distúrbios, a proporção é de nove mulheres para cada homem. E Vasconcelos explica que, nas famílias em que elas são muito preocupadas com a forma física, eles surgem com mais facilidade.

A influência familiar está presente tanto na história de Alice quanto na de Taiara Andrade, 18 anos. Moradora de Canoas, a jovem conviveu com a bulimia por volta de dois anos, sem saber que era uma doença. Em tratamento desde março na Fundação Mário Martins, ela tenta entender o que ocorreu. "Minha mãe sempre me pressionou para cuidar do corpo, porque ela é gordinha, e não queria que eu fosse. Além



disso, a carreira de modelo também influenciou bastante”.

Hoje com 55 quilos, considerado o seu peso ideal, Taiara estava com sete a menos quando foi internada. Após sucessivos desmaios, precisou ser hospitalizada e encaminhada para tratamento. Ela apresentava bulimia avançada, em evolução para um quadro de anorexia. Chegou a ficar cinco dias em jejum, e conta que o vômito vinha naturalmente depois desses períodos. “Não aconselho ninguém a fazer isso, a chegar ao ponto que eu cheguei. É a coisa mais horrível do mundo. É chocante”, adverte Taiara.

Vasconcelos destaca que, tanto na anorexia quanto na bulimia, há uma distorção da imagem corporal: os pacientes são capazes de ver gordura mesmo onde existem apenas ossos. “O jeito de vivenciar e pensar a doença é muito parecido”, avalia. Taiara também sofria com essa distorção. “Mesmo eu não tendo barriga, não tendo gordura, eu via em mim uma barriga, via gordura e eu não tinha”.

Agora, o quadro da jovem é outro. Ao final de sete meses de tratamento, recuperou a autoestima e a confiança. Na Fundação Mário Martins, assim como na maior parte dos centros, os pacientes são acompanhados por um psicoterapeuta, um nutricionista e um médico clínico. “O psicoterapeuta mostra ao paciente o que é doença e o que é saúde. A nutricionista tem um papel de reeducação alimentar. E o médico clí-

*A jovem chamada de Alice Torres teve o nome trocado. Taiara Andrade aceitou ser identificada.

nico restabelece o equilíbrio do corpo agredido pelas técnicas utilizadas na busca pelo emagrecimento”, explica Vasconcelos.

O tratamento é uma batalha que precisa ser vencida a cada dia. “No começo, foi difícil. A minha meta era engordar 500 gramas por semana. Quando eu via que isso tinha acontecido, ficava triste e desanimada”, lembra Taiara. “Agora, tudo o que eu quero é retomar a minha vida: casamento, trabalho, estudos. Quando fico ansiosa, eu penso: não vou pra panela e sim, conversar com alguém.”

ANGÚSTIAS COMPARTILHADAS

O mundo virtual é o espaço encontrado por meninas com anorexia e bulimia para falar livremente de seu comportamento. Protegidas por perfis e nomes falsos, a maioria delas identifica-se apenas como “Ana” ou “Mia”, prefixo e sufixo dos transtornos alimentares. No site de relacionamentos Orkut, as jovens também exibem as partículas em um nome fictício, ao lado de fotos de modelos e declarações de culto ao corpo magro.

Permita me apresentar.(...) Anorexia Nervosa é meu nome completo, mas você pode me chamar de Ana. Felizmente nós podemos nos tornar grandes parceiras. (...) Você não é perfeita, você não tenta o bastante! (...) Deus, você é uma vaca gorda!!! Quando as horas das refeições chegarem, eu vou te dizer o que fazer. (...) Mas nós não podemos contar a ninguém. Se você decidir o contrário, e contar como eu te faço viver, todo o inferno vai voltar! (...) Eu criei você, magra, perfeita, minha criança lutadora! Você é minha, e só minha! Sem mim, você é nada! Então, não me contrarie. (...) Com sinceridade, Ana.

Este é um trecho da “carta da Ana”, que circula pela internet e inspira o chamado estilo de vida das pessoas com anorexia e bulimia. Na linguagem utilizada por elas, “miar” é sinônimo de vomitar. “NF”, ou “no food”, que em inglês significa “sem comida”, é uma espécie de regime caracterizado pela não-ingestão de qualquer tipo de alimento por diversos dias, e que normalmente gera algum tipo de autopunição quando interrompido antes do prazo.

“to pagando penitencias cada vez que quebro um NF”

“estou cortando os meu pulços bosta!!! cortar doi mas fazer o que ninguem me mandou comer ai meu Deus prefiro morrer do que ser gorda (...)”

As meninas também trocam dicas de como suportar os dias sem comida, enganar familiares e amigos e provocar o vômito.

“Eu já tentei com os dedos , mas nao consegui, como vc faz? existe algum truque?”

“Eu não consigo por nada na garganta, eu acho q não da certo.....eu tomo muita agua, ou refri... pois refrigerante tem gas...naturalmente vc faz ansia [...] quando vc vai no banheiro, colocando algo na garganta faz barulho, como tudo eh segredo [...] eu ligo a torneira, para camuflar o barulho de eu vomitando.....não posso miar muito, pois tem um guarda costas...”

Segundo especialistas, a grande maioria dos casos de transtorno alimentar é acompanhada por depressão e baixa auto-estima.

“Tenho 14 anos... me olho no espelho e me dá vontade de me matar.... A droga do espelho acabou com minha vida, naum sei mais o q faço...eh horrível...horrível...” “Minha amiga é a balança digital, a cada 2 horas eu me peso.”

Um blog que fica desatualizado por muito tempo gera desconfiança entre suas leitoras habituais. Nem sempre a ausência de novos posts se deve à proibição da família ou dos médicos. Muitas vezes, as atualizações cessam porque a autora não resiste à desnutrição.

“Queria dormir um sono profundo, sabendo que meu corpo está em decomposição e logo vou ser só ossos. Descansaria em paz, porque pelo menos morta tenho certeza de que toda a banha desapareceria e meus lindos ossos apareceriam.”

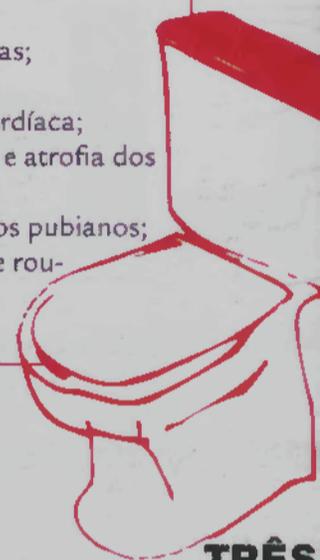
ALGUNS SINTOMAS

BULIMIA

- Aumento de parótidas (inchaço causado pelos vômitos e conhecido como fofão);
- Sinal de Russel, uma laceração na mão decorrente da indução do vômito;
- Cor da pele mais amarelada;
- Danos severos ao esôfago, às glândulas salivares e aos dentes, devido à ação do ácido estomacal;
- Exercícios físicos em excesso, que podem ultrapassar, em um só dia, as cinco horas de atividade semanal consideradas saudáveis pela OMS (Organização Mundial de Saúde).

ANOREXIA

- Dores abdominais constantes provocadas pela fome;
- Enfraquecimento das unhas;
- Ressecamento da pele;
- Redução da frequência cardíaca;
- Ausência de menstruação e atrofia dos seios;
- Queda de cabelo e de pêlos pubianos;
- Isolamento social e uso de roupas largas para disfarçar a magreza.



TRÊS
POR
QUA
LTRO

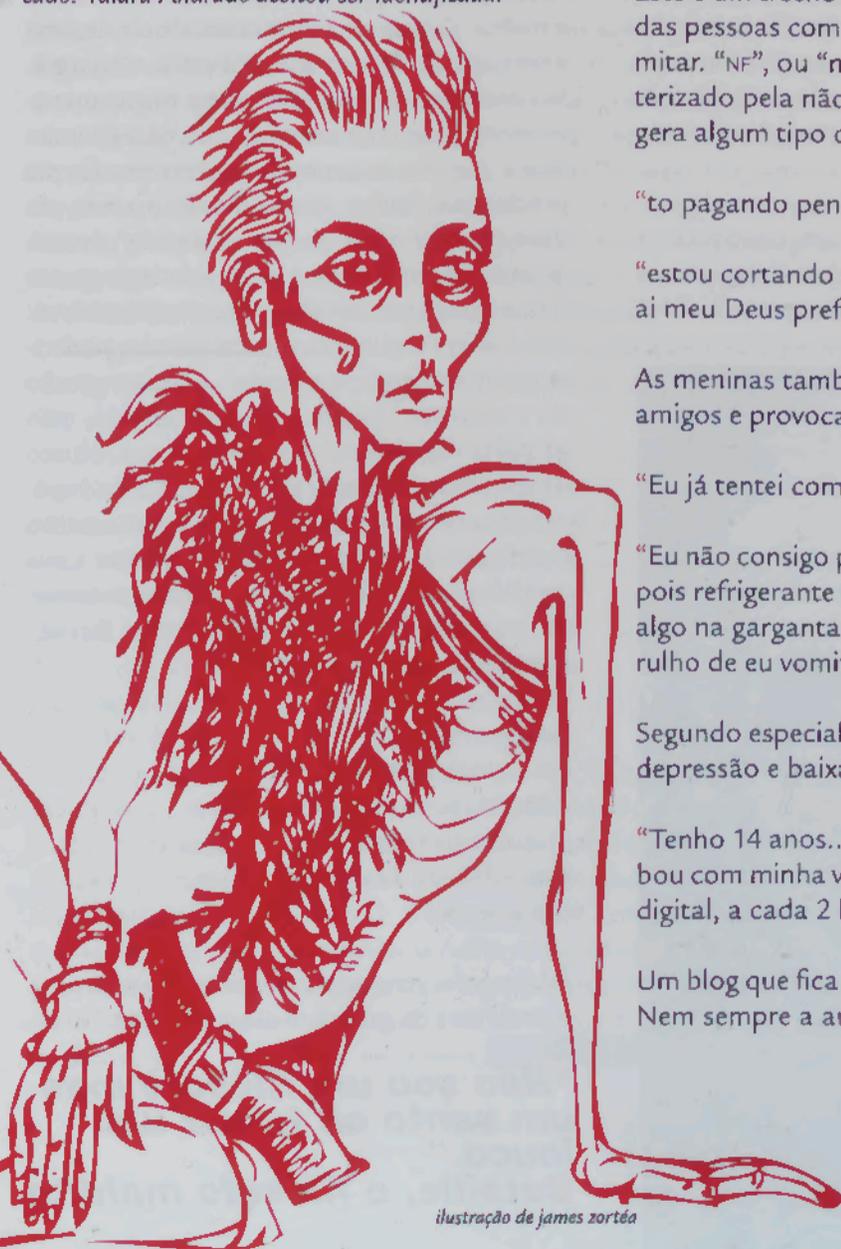


ilustração de James Zortéa

A HUMANIDADE NA ENCROUZILHADA

Consumir o excedente de forma consciente ou ser consumido por ele?

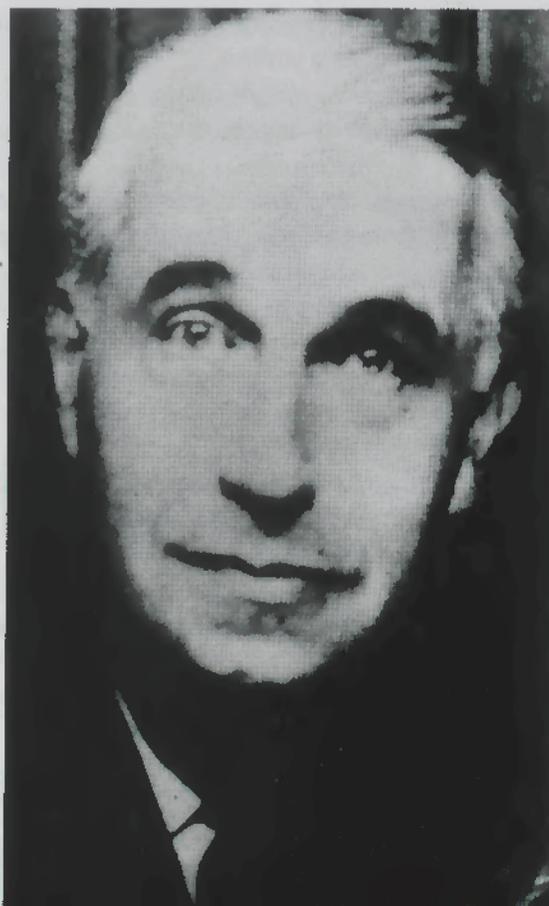
O CONCEITO DE ECONOMIA GERAL VÊ A HISTÓRIA do ser humano por um viés original. Dentro dessa concepção, o modo como o homem vem agindo desde os tempos remotos refere-se diretamente a como ele utiliza a energia excedente. Pelo princípio da economia geral, "o consumo das riquezas é, em relação à produção, o objeto primeiro". Aparentemente, a humanidade se preocupa basicamente com a atividade social produtiva, útil. Porém, "na prática da vida, ela se comporta de modo a satisfazer necessidades de uma selvageria tocante, e nem mesmo parece em estado de subsistir de outro modo que não no limite do horror".

"A pessoa do burguês moderno aparece como a face mais mesquinha que a humanidade já assumiu"

É fundamental a compreensão da produção e da aquisição dentro dos processos históricos, "no entanto, [ambas] são apenas meios subordinados à despesa". "A miséria humana nunca exerceu suficiente influência sobre as sociedades para que a preocupação com a conservação, que dá à produção a aparência de um fim, prevalecesse sobre a preocupação com a despesa improdutiva". Um grande exemplo da importância dada à perda eram os índios do nordeste norte-americano. Os Tlingit, os Haida, os Tsimshian e os Kwakiutl praticavam o potlatch. Trata-se de uma "dádiva considerável de riquezas oferecidas ostensivamente com a intenção de humilhar, desafiar e obrigar o rival". Outra forma de potlatch era a destruição espetacular de riquezas na

frente do oponente, por exemplo, a degola de escravos. A nobreza, a honra, a posição na hierarquia, tudo estava em jogo. Quem realizasse o maior potlatch era o chefe tribal mais poderoso. A riqueza é um poder que o homem adquire, o poder de perder. São famosas as doações milionárias do bilionário Bill Gates para instituições sociais de todo o planeta. Através da entrega de seu dinheiro sem qualquer contrapartida, o dono da Microsoft midiaticiza o seu poder. A perda ostentatória está "universalmente ligada à riqueza como sua função última".

"Não é a necessidade mas seu contrário, o luxo, que coloca para a matéria viva e para o homem seus problemas fundamentais". "Na



joão coimbra
joacoimbra85@yahoo.com.br

superfície do globo, para a matéria viva em geral, a energia está sempre em excesso, a questão está sempre colocada em termos de luxo, a escolha está limitada ao modo de dilapidação [destruição, dissipação] das riquezas". São três as maiores formas de perda da riqueza, os luxos colocados pela natureza: a alimentação (alimentação), a reprodução sexuada e a morte. O homem tem a consciência de uma necessidade, de um uso útil para a energia. No entanto, ele não tem como negar o movimento global de energia, que não permite que a mesma se acumule apenas nas forças produtivas; "enfim, como um rio no mar, ela deve escapar-nos e perder-se de nós". Nossa ignorância em relação à necessidade de gastar o excedente tem um "efeito incontestável: levamos a sofrer o que, caso soubéssemos, poderíamos operar ao nosso modo". A descongestão do excedente "foi em todos os tempos, mas na parte mais obscura da consciência, objeto de uma busca febril". Ela leva-nos a multiplicar os serviços, que tem um desenvolvimento indefinido e é o setor que mais cresce. Leva também a publicidade a criar a todo momento necessidades. Mas essas e outras formas derivadas sempre foram insuficientes: o consumo do excedente "destinou em todos os tempos multidões de seres humanos e grandes quantidades de bens úteis às destruições das guerras".

A economia geral aponta uma única saída para o problema da guerra: a elevação mundial do

"Não sou um filósofo mas um santo ou talvez um louco."
Bataille, o filósofo maldito

“Assim como os troncos e a ramagem da árvore elevam à luz as partes superpostas da folhagem, a morte reparte no tempo a passagem das gerações. Ela incessantemente deixa o lugar necessário para a vinda dos recém-nascidos, e nós injustamente maldizemos aquela sem a qual não existiríamos. Na verdade, quando maldizemos a morte, temos medo é apenas de nós mesmos.”

nível de vida. Vejamos um país como a Índia. Nela, o problema da miséria está ligado à desproporção do crescimento demográfico com o desenvolvimento industrial. Já os Estados Unidos possuem um gigantesco excedente. “A economia geral propõe, a partir disso, uma transferência de riqueza estadunidense para a Índia, sem contrapartida”. Deve ser levada em consideração a ameaça resultante para os EUA desse “desequilíbrio da pressão exercida pela vida humana na superfície do globo”. Pode-se pensar: a regra do capitalismo é cada um por si, então, a Índia que se vire. No entanto, qual teria sido o destino do mundo caso não tivesse entrado em ação o Plano Marshall? Os EUA, com esta iniciativa, doaram a diversos países europeus o que hoje equivale a 130 bilhões de dólares (valor estimado), de 1948 a 1951. Foi este dinheiro que possibilitou um salto no desenvolvimento da Europa ocidental do pós-guerra e, conseqüentemente, a diminuição da pressão no continente, que sofria com fome e miséria. O Plano foi uma estratégia não militar de enfrentamento à União Soviética no começo da Guerra Fria. Mesmo

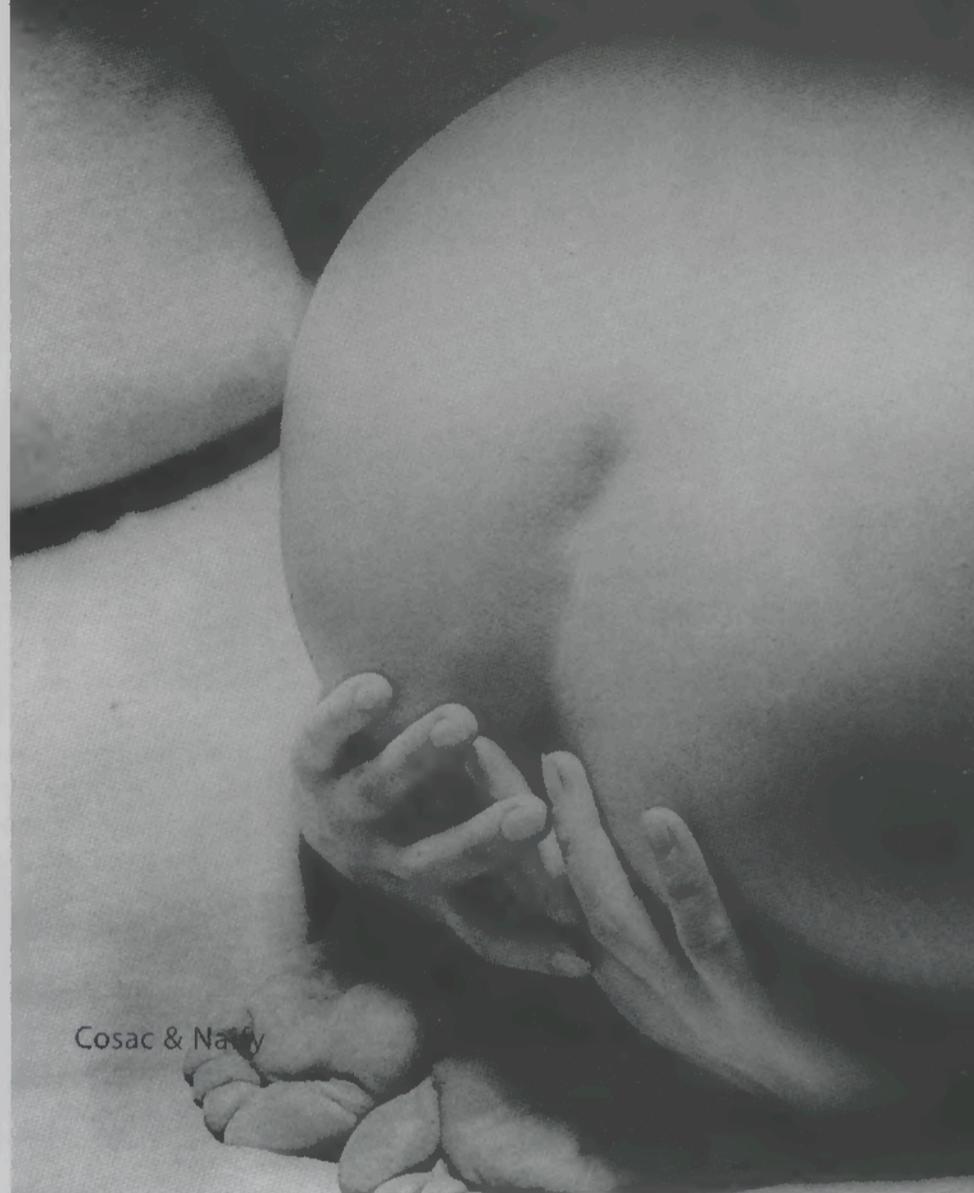
assim, esse tipo de política poderia ter continuado após o fim do conflito como forma de despender o excedente da economia estadunidense, que “é a maior massa explosiva que jamais houve nesse mundo”. “É penoso saber que a sociedade norte-americana desconhece intimamente as leis de seu impulso e que produz sem ter medido as conseqüências da produção”. Basta o fato de que a invasão do Iraque consumiu até o momento 455 bi-

lhões de dólares desde 2003, ou seja, 91 bilhões por ano. Quantos Iraques não poderiam atingir uma altíssima qualidade de vida com esse dinheiro? “Se é verdade que dificilmente se vê os Estados Unidos prosperarem amplamente sem o auxílio de uma hecatombe de riquezas, sob a forma de aviões, bombas e outros equipamentos militares, pode-se imaginar uma hecatombe equivalente, consagrada a obras não sanguinolentas”. “Os EUA se debatem em contradições insolúveis. Defendem a livre empresa, mas desenvolvem, ao fazer isso, a importância do Estado. Não fazem outra coisa que não caminhar, tão lentamente quanto podem, em direção ao ponto onde a União Soviética se precipitou”.

A economia geral é a premissa do livro *A Parte Maldita*, lançado pelo francês Georges Bataille em 1949. As idéias desta obra – considerada pelo próprio autor como a mais importante de sua carreira e que lhe exigiu 18 anos de trabalho – foram originadas em *A Noção de Despesa*, estudo publicado por ele em 1933, sob a luz da teoria do potlatch, exposta pelo etnólogo Marcel Mauss em 1925. “O que a economia geral define, antes de tudo, é um caráter explosivo desse mundo”. “...é tempo de se voltar para esse mundo e perceber suas possibilidades multiplicadas. Nada está fechado para quem simplesmente reconhece as condições materiais do pensamento. E é em todos os sentidos e de todos os modos que o mundo convida o homem a mudá-lo”. *A Parte Maldita* precedida de *A Noção de Despesa*, Imago Editora, está fora de catálogo no Brasil, mas pode ser encontrada à venda no site português www.webboom.pt ou, com sorte, em sebos.

Georges Bataille

História do olho



Cosac & Natty

EDIÇÃO 2003 DA OBRA DE ESTRÉIA DO AUTOR, LANÇADA EM 1928
SOB O PSEUDÔNIMO DE LORD AUCH

OUTROS LIVROS DE BATAILLE

- ▣ Teoria da Religião (Ática)
- ▣ O Azul do Céu (Brasiliense)
- ▣ O Ânus Solar (Hiena)
- ▣ A Experiência Interior (Ática)
- ▣ A Literatura e o Mal (L&PM)
- ▣ Minha Mãe (Brasiliense)
- ▣ O Padre C. (Relume Dumará)
- ▣ O Erotismo (L&PM)
- ▣ Panegírico (Conrad)

“A miséria humana nunca exerceu suficiente influência sobre as sociedades para que a preocupação com a conservação prevalecesse sobre a preocupação com a despesa improdutiva”

ENTRE A BELLEZA E O GROTESCO

O comportamento estético e o anarquismo erótico do projeto Queer Fiction

lucilene cobalchini
lucobal@gmail.com

“A sexualidade, qualificada de imunda, de bestial, é mesmo o que mais se opõe à redução do homem à coisa...” (Bataille em *O Erotismo*)

A SEXUALIDADE HUMANA É DESCONCERTANTE, NUNCA conseguimos examiná-la, olhá-la, senti-la sem uma certa inquietação, principalmente quando as manifestações sexuais fogem dos padrões convencionais. As formas alternativas de expressão do erótico, que escapam da indústria cultural pornográfica, são vistas com um misto de curiosidade e repugnância, em uma constante alternância entre o belo e o grotesco. O perverso é visto como fantasma, como patologia, da sociedade contemporânea.

“...o que se retira é justamente o fantasma, o conjunto de significâncias e subjetivações. A psicanálise faz o contrário: ela traduz tudo em fantasmas, comercializa tudo em fantasmas, preserva o fantasma e perde o real no mais alto grau...” (Deleuze e Guattari em *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia* - Volume 3)

A sociedade, de modo geral, é hipócrita, julgando nosso caráter pelo que fazemos em nossa vida privada, em nossa interioridade, pela nossa sexualidade.

Escritores como Georges Bataille, Gilles Deleuze e Michel Foucault já propuseram uma nova visão da sexualidade, uma sexualidade como posicionamento político, que é intrínseca e faz parte de nossa animalidade, possuindo uma violência natural que é interdita pelas regras e padrões do mundo do trabalho, da psicanálise e da religião.

“...em oposição ao trabalho, a atividade sexual é uma violência que, enquanto impulso imediato, poderia perturbar o trabalho: uma coletividade laboriosa, no momento

do trabalho, não pode ficar à sua mercê.” (Bataille em *O Erotismo*)

Mostraremos uma forma de reavaliar os conceitos que determinam o que é ou não belo, vamos romper com o significado, transgredir os tabus, ir além da expressão erótica dominante, livrar-se do horror a determinadas formas do uso do corpo. O belo, aqui, transcende as categorias estéticas convencionais mostrando um projeto visual que subverte as formas de uso do corpo: o Queer Fiction.

“O interdito e a transgressão respondem a esses dois movimentos contraditórios: o interdito intimida, mas a fascinação introduz a transgressão...” (Bataille em *O Erotismo*)

“Assim, ele oscila entre dois pólos: de um lado, as superfícies de estratificação sobre as quais ele é rebaixado e submetido ao juízo e, por

outro lado, o plano da consistência no qual ele se desenrola e se abre à experimentação.” (Deleuze e Guattari em *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia* - Volume 3)

O TERMO “QUEER”

O termo está relacionado com toda modalidade de sexualidade que escapa do convencional, não se restringindo somente ao homossexualismo, como muitos acreditam. Queer é uma forma de experiência radical da sexualidade, que não depende e não reivindica a tolerância e aceitação dos “normais”. Ele pode ser utilizado para classificar toda e qualquer manifestação erótica que não se encaixa no padrão dominante - o heterossexual. A idéia principal é romper com qualquer identidade sexual fixa.

“O erotismo é na consciência do homem aqui-



lo que põe nele o ser em questão.” (Bataille em *O Erotismo*)

QUEER FICTION

Queer Fiction é um projeto que existe há cerca de cinco anos e foi formado por um grupo de pessoas com afinidades quanto à temática queer, que procuravam dar visibilidade a todas as manifestações eróticas que não encontram espaço na representação convencional do desejo e da sexualidade. Havia uma lacuna no campo estético do erótico e o grupo surgiu com a intenção de preenchê-la.

“O erotismo é, de forma geral, infração à regra dos interditos: é uma atividade humana(...) O sentido último do erotismo é a fusão, a supressão do limite.” (Bataille em *O Erotismo*)

O suporte escolhido para construir esse tipo de narrativa combativa foi a fotografia e o audiovisual. No início o trabalho restringia-se apenas à fotografia, neste ano o grupo fez seu primeiro trabalho em vídeo e em outubro finalizaram o terceiro, *Filthy*, sem abandonar as produções fotográficas. Os dois primeiros vídeos foram concebidos a partir de uma linguagem experimental, o primeiro enfocando o tema do sadomasoquismo e da dominação, e o segundo a relação entre a experiência erótica e a religião, com inspiração na obra de Bataille. Existem mais três projetos em fase de produção.

O Queer Fiction já realizou exposições em São Paulo, especialmente junto ao Projeto Luxúria - festa com performances eróticas, de temática fetichista, organizada pelo estilista Heitor Werneck - e também em Santa Catarina, Rio de Janeiro e Santa Maria. Em Porto Alegre, costumam realizar intervenções e exposições junto à festa Lasciva, no Club Neo. As produções são sempre realizadas e assinadas pelo grupo, são coletivas.

O trabalho não restringe-se apenas ao plano estético. As plataformas visuais - fotografia e vídeo - não são um fim, mas sim o meio pelo qual eles buscam posicionar-se. Não é simplesmente arte visual, mas sim conceito. Através da estética o grupo busca propôr uma reflexão que se infiltre e contamine a concepção do erotismo dominante. O Queer Fiction não quer somente excitar, mas sim perturbar.

A ESCOLHA É SUA

“Se experimentamos esse medo, nós o sabemos, é para responder à vontade inscrita em nós para exceder os limites. Queremos excedê-los e o horror sentido significa o excesso a que devemos chegar, a que, se não fosse o horror prévio, não poderíamos ter chegado.” (Bataille em *O Erotismo*)

“Com seu trabalho, o homem edificou o mundo racional, mas sempre subsiste nele um mundo de violência. A própria natureza é violenta e, por mais comedidos que sejamos, uma violência pode nos dominar de novo, que não é mais a violência natural, a violência de um ser racional que tentou obedecer, mas que sucumbe ao movimento que ele mesmo não pode reduzir à razão.” (Bataille em *O Erotismo*)





Possuídos pelo estranho espírito Queer, nos propomos a representar, difundir e vivenciar uma Nova Sexualidade. Essa vivência se materializa no mundo através de nossa Arte, prolongamento natural de nossas idéias, de nossa carne e de nosso Caos.

O objetivo dessa imanência a qual somos um portal, essa renovação Queer, é instaurar no mundo o Novo Éden.

Para nós não valem mais quaisquer padrões estéticos comparativos ou relativistas de beleza. Abolimos terminantemente os conceitos de belo e feio estabelecidos durante os séculos, desde a Antiguidade Grega, que foram sobrecarregados pela carga da culpa da visão de mundo dos cristãos.

Renegamos também os conceitos atuais de imposição estética e sexual das Indústrias, seja ela a da Moda, a Mídia ou a Pornográfica, e também a própria visão de belo e feio e relações de gênero do movimento GLBT.

Que fique claro:

– Não há padrões, não há regras, ordem, matrizes, conceitos pré-estabelecidos, dogmas e afins que sigamos e/ou que possam nos impor algum valor para além de nossa própria opinião fundante de nossa relação essencial com a beleza, a sexualidade e a existência como um todo.

A estranheza total é o nosso referencial libertário e libertino!

O vislumbre Queer da sexualidade contém um parâmetro simples, e por isso obscuro, onde a intermediação entre o Olho e a Mão se dá pelo prazer sempre presente, ressurgente e totalmente Insurgente. Tal sexualidade, esse desejo, é caracterizado por essa permanência e pela anarquia dominante na relação de gênero estabelecida pelos Queers em sua vivência, o extravasamento e o aprofundamento de todas as possibilidades.

Uma possível estética Queer é aquela fundada no desejo sempre presente pela realização de um gozo constante, na medida do vigor individual.

Uma possível Pornografia Queer requer uma efetivação

do espírito anarquista do artista, que se propõe a materializar as visões de prazer e desejo e as angústias de seu próprio âmago, demonstrar em imagens, palavras, sons e outras artes a expressão de seu eterno e criativo Caos interior.

A verdade fundante de uma pornografia-anárquica assim é a postulada pelo artista, ocultista e sensualista britânico Austin Osman Spare, que disse:

“...todas as coisas copulam entre si...”

Esta é a chave da visão Queer de sexualidade e prazer, essa é a premissa Queer do encontro sexual que arrebenta e pulveriza os portões e os muros do velho éden carcomido do rancor, da frustração e do medo humano da morte tanto quanto do sexo.

Dispensando assim as velhas correntes e despidendo-nos de todas as hipocrisias e recalques, fundamos o Éden do Prazer Queer, o Novo Éden intermitente, ubíquo, conjunto e próximo de cada pessoa, de cada pênis e cada vagina, através da visão e do toque, esse modo Queer de ser no mundo.

A Pornografia é então a sagrada grafia de nossas intenções e visões... A Anarquia é o modo de estar-junto de nossas intenções e copulações... A Virtude é para nós, o êxtase sempre procurado e iminente... A Arte é este ressurgimento estranho que representa nosso ser...

Queremos e atuamos pela união re-vigorante e permanente daquilo que somos: **TUDO**, com aquilo que desejamos: **TUDO**, no momento em que desejamos: **SEMPRE/AGORA**, de forma que possamos, para além das dualidades impostas e impostoras, sermos **LIVRES, SEMPRE/AGORA!**

QUEER FICTION



MODIFICAÇÃO CORPORAL POR TRÁS DA APARÊNCIA CHOCANTE ESTÁ A APROPRIAÇÃO DE OUTRAS CULTURAS. A MODIFICAÇÃO É MAIS DO QUE SÓ UMA MANEIRA DE ENFEITAR O CORPO

Por trás da aparência chocante está a apropriação de outras culturas. A modificação é mais do que só uma maneira de enfeitar o corpo

daiana vivan
daianavivan@gmail.com

TRÊS QUATRO “TODAS AS PESSOAS SÃO MODIFICADAS”, ASSIM RESUME Itamar Repelo Soares, 29 anos que trabalha como body piercer em Porto Alegre. Enquanto uns queimam a pele outros se tatuam, enquanto uns pintam os cabelos outros fazem cirurgias plásticas. Modificação corporal, simplificando, é isso. É agregar elementos não naturais ao corpo transformando-o em algo diferente do original. A partir daí, podemos concluir que a diferença entre uma prótese nos seios e um implante na testa é apenas o lugar onde eles foram colocados.

Alguns tipos de modificação corporal são mais frequentes em determinados grupos, como a escarificação, a bifurcação da língua e os implantes subcutâneos, procurados por pessoas inseridas no mundo da tatuagem, explica Marcelo Otaki, body piercer de um estúdio em Porto Alegre. A cicatriz em formato de estrela na mão de Itamar foi obtida através do processo chamado escarificação, do inglês scarification. A pele foi cortada com o desenho e ao sarar expôs a cicatriz. A bifurcação da língua, ou split tongue, divide a ponta do músculo em duas partes, deixando-a com aspecto semelhante à língua dos répteis. Os implantes são feitos com peças rígidas de teflon, material biocompatível, colocadas debaixo da pele. Outra maneira de modificar o corpo é usar alargadores, que são peças grossas feitas de diversos materiais, inseridos em perfurações como orelha e nariz. Esses alargadores podem variar muito de tamanho, indo de poucos milímetros até cerca de 10 cm. O branding, que não tem tradução para o português, é uma cicatriz feita com metal aquecido. O desenho é moldado numa chapa ou fio metálico, esquentado e marcado na pele.

Itamar fez sua primeira tatuagem aos 12 anos, uma tribal na perna, hoje coberta por um céu

estrelado. Além de alargadores nas orelhas e nariz, ele tem implantes no braço e uma escarificação na mão direita que levou três meses para cicatrizar. João Caldara, 26 anos, é body piercer e scarification artist na cidade de Petrópolis, Rio de Janeiro. Sua primeira modificação foi aos dez anos, um brinco na orelha. Aos 17 fez sua primeira tatuagem e o primeiro piercing, depois disso, alargou as orelhas, fez algumas escarificações e mais tatuagens. Ambos chamam atenção pelo visual. “Rola muito preconceito sim, desde quando a gente vai à padaria comprar um pão, num restaurante e até mesmo andando na rua. Já ouvi muitas coisas, já fizeram o sinal da cruz quando eu passei, já ouvi uma freira falando ‘Jesus Cristo’, já me xingarão, ficam falando um monte de gracinha, mas isso a gente acostuma, acaba sendo normal”, conta João, que tem um filho de quatro anos, “ele adora minhas tatuagens, meus piercings, a família da mãe dele também é tranqüila. Acho que desde que você seja uma pessoa responsável, educada, uma pessoa com bom senso, é muito difícil alguém não gostar e respeitar você”. Itamar também ouve comentários a respeito de suas modificações, inclusive dos amigos. “Eu me defino como o desejo dos outros”, explica ele. Para Itamar, todas as pessoas desejam fazer alguma modificação. Ele cita como exemplo as cirurgias plásticas e diz que todos mudariam algo em seu corpo caso tivessem oportunidade e coragem.

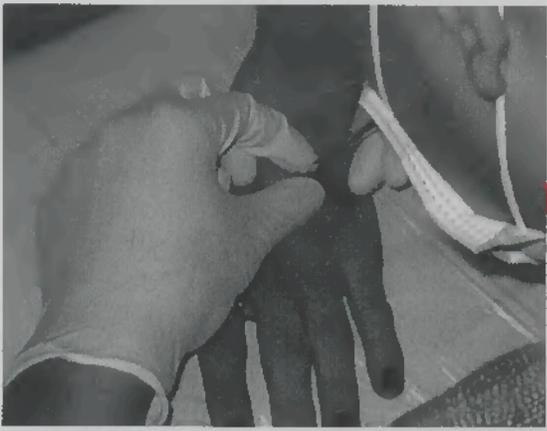
Para Itamar, quanto mais extensa for a cultura de uma pessoa, quanto mais viajada ela for, melhor compreenderá essas manifestações. Ele pretende escrever um livro, que já tem nome – *Diferenças e Aceitações* –, que vai falar sobre a cultura da modificação corporal e sobre suas experiências. Ambos defendem que essas maneiras de modificar o corpo são questões culturais. Piercings no nariz são usados desde o século XVI na Índia pelas castas mais altas da sociedade, e as escarificações são comuns em tribos africanas e indígenas. João acrescenta, “as pessoas misturam muito as coisas. Eu não

estou me mutilando quando quero colocar um piercing, fazer uma tatuagem ou mesmo uma cicatriz no meu corpo, estou fazendo coisas que já existem há muitos anos. Existem várias tribos espalhadas no mundo e cada uma delas têm uma cultura diferente, um ritual diferente, e hoje estamos trazendo essas culturas para a sociedade, mas muitas pessoas não sabem que isso já existe.”

Itamar Soares. Seu livro vai contar sua história e falar sobre as modificações



imagens de divulgação



TRÊS
POR
QUA
RTRO

**Procedimento de
escarificação na mão de
Itamar. Três meses até a
cicatrização.**



foto de diana vivan



foto de diana vivan

**Implantes subcutâneos.
Há cinco anos no
braço de Itamar.**





EM 1738, NA GUINÉ, APRESENTAVA-SE AO PÚBLICO UMA mulher anã que media cerca de 1,20m de altura e possuía feições de macaco. Antes atribuídas a

manifestações diabólicas, as deformidades de origem embrionária começavam a ser estudadas pela Teratologia, e seres disformes passaram a ser aceitos como vontade divina. Foi o primeiro passo para o surgimento dos FreakShows. Esse caso do início do século XVIII é um dos primeiros registros desse tipo de espetáculo.

Nos Estados Unidos, onde foram amplamente difundidos durante o século XIX, os primeiros FreakShows surgiram apenas 30 anos depois. A partir de então, as apresentações passaram a acompanhar Circos e Parques de Diversão (os Carnivals) como uma atração alternativa. O público pagava para ver os mais diversos tipos de aberração, desde animais com má-formação até pessoas com anomalias genéticas, numa época em que a medicina não conseguia explicar essas deficiências e as histórias dos Freaks mexiam com o imaginário do povo.

O prestígio desses espetáculos decaiu no século XXI. "Com o desenvolvimento das instituições que cuidam da saúde mental e da genética, a sociedade passou a enxergar pessoas disformes como doentes e possíveis transmissores dessas doenças", explica Samantha X, co-fundadora do único FreakShow ambulante da atualidade, o *999 Eyes of Endless Dream Carnival Museum & Sideshow*. Além disso, o movimento pelos direitos humanos vê esse tipo de atividade como exploração de deficientes. Em países como a Alemanha e em alguns estados dos EUA, por exemplo, essas apresentações são consideradas ilegais.

Com tantas dificuldades, muitos desses espetáculos se converteram em performances de pessoas modificadas com cirurgias, aplicações, tatuagens e furos pelo corpo ou ainda de pessoas que fazem coisas bizarras, como engolir espadas, fazer suspensões ou perfurações com prego ao vivo, habilidades adquiridas ao longo do tempo que, embora impressionem, estão à sombra da chance de escolher ser as-

sim ou não. Em outros casos, deram origem a museus, onde se expõe fotos de aberrações de outras épocas. FreakShow em sua forma mais genuína passou a ser raridade.

O ÚLTIMO FREAKSHOW

Samantha X é formada em Ciências Biológicas com ênfase em Anatomia e Fisiologia. Para ensinar o sistema endócrino a alunos de Arte Terapia em uma escola no Texas, passou a utilizar fotos antigas de pessoas com anomalias e descobriu, entre suas pesquisas, histórias incríveis sobre suas vidas no auge dos FreakShows. Nessa mesma época conheceu Dylan M. Blackthorne, um produtor de eventos. Ele tinha planos de montar uma tenda sobre FreakShows ao lado de um circo que começava a ser erguido na cidade e Samantha adorou a idéia. "Achei que seria ótimo criar uma foto-história sobre FreakShows e sua interação com a sociedade através dos tempos", diz. Atrás de imagens para o painel, ela encontrou a Lobster Girl (Menina Lagosta), e juntas decidiram formar o *999 Eyes of Endless Dream Carnival Museum & Sideshow*, com a intenção de trazer a tradição de volta.

De 2005 para cá, o *999 Eyes* cresceu bastante. Hoje ele conta com cerca de dezoito pessoas na equipe, entre pessoas sem anomalias e os "sortudos", como eles se referem aos Freaks. "Nós somos um *vaudevillian extravaganza!*", exclama Samantha, descrevendo o show em dois blocos de 45 minutos, nos quais apresentam performances tradicionais dos antigos SideShows, com dançarinos, aberrações genéticas e até um palhaço que engole fogo. Tudo isso ao som da banda própria, a *That Damned Band*. Ao lado do palco, armam uma cabine com curiosidades e dados sobre anomalias médicas, onde os espectadores são convidados a encontrar os Freaks durante o intervalo ou após a apresentação.

Elizabeth Anderson é a responsável pela história apresentada nesse museu. Embora estude Artes na Universidade do Texas, sempre teve interesse por anomalias genéticas, e é quem explica a deformação de cada um do grupo (ver tabela) e dá palestras entre uma performance e outra. Todo o seu conhecimento vem de pesquisas e da própria convivência com os Freaks.

INVERSÃO DE VALORES

De tempos em tempos, o *999 Eyes* encontra alguma resistência no local onde se apresenta. Uma reportagem da série *Taboo*, do canal americano National Geographic, mostra a diretoria de uma Universidade dos EUA proibindo a apresentação do grupo, alegando exploração de desabilitados. Mais tarde, a direção volta atrás e o público pode conferir o espetáculo, mostrando-se totalmente a favor do FreakShow. "Se eu fosse uma aberração, adoraria que todo mundo me visse!", comenta um dos espectadores.

imagens de divulgação



Um show onde as estrelas já nasceram prontas

joseane demeneghi
josie.asd@gmail.com

BEM-VINDO DE ABER

A reação nem sempre é assim. Samantha conta que fora dos palcos as pessoas tratam os deficientes de maneira diferente. “Eu vejo as pessoas desviarem o olhar, fingirem que eles não estão lá, pedem para as crianças não olharem”, lamenta. E acrescenta que os próprios deficientes não sabem como relacionar com as outras pessoas nem entre si. “Eu os vi ganhando auto-confiança e começando a interagir com as pessoas de um modo diferente de como quando começaram [no 999 Eyes]. O público se sente livre para perguntar aos Freaks sobre sua condição, vêem suas habilidades e se dirigem ao mundo das aberrações de modo diferente”, comemora.

Outro fato recorrente é o de as pessoas perguntarem se os deficientes não se incomodam de serem chamados de aberrações. Para Samantha, o termo Freak (aqui livremente traduzido para ‘aberração’) significa ‘dançar com a natureza’. O 999 Eyes quer resgatar a noção de que as aberrações são simplesmente pessoas com alguma anomalia e que desejam mostrar para os outros o seu talento. Nos tempos em que os FreakShows arrecadavam mais dinheiro que qualquer outra forma de entretenimento, eles eram recebidos pelo público como verdadeiras estrelas e, ao contrário do que se pensa, eram muito bem tratados pelos donos dos shows. “Eles eram muito cuidadosos para não ofenderem os Freaks, afinal, não é fácil encontrar outro meio-homem ou uma mulher barbada!”, esclarece.

A idéia de resgatar o valor que se dava às aber-

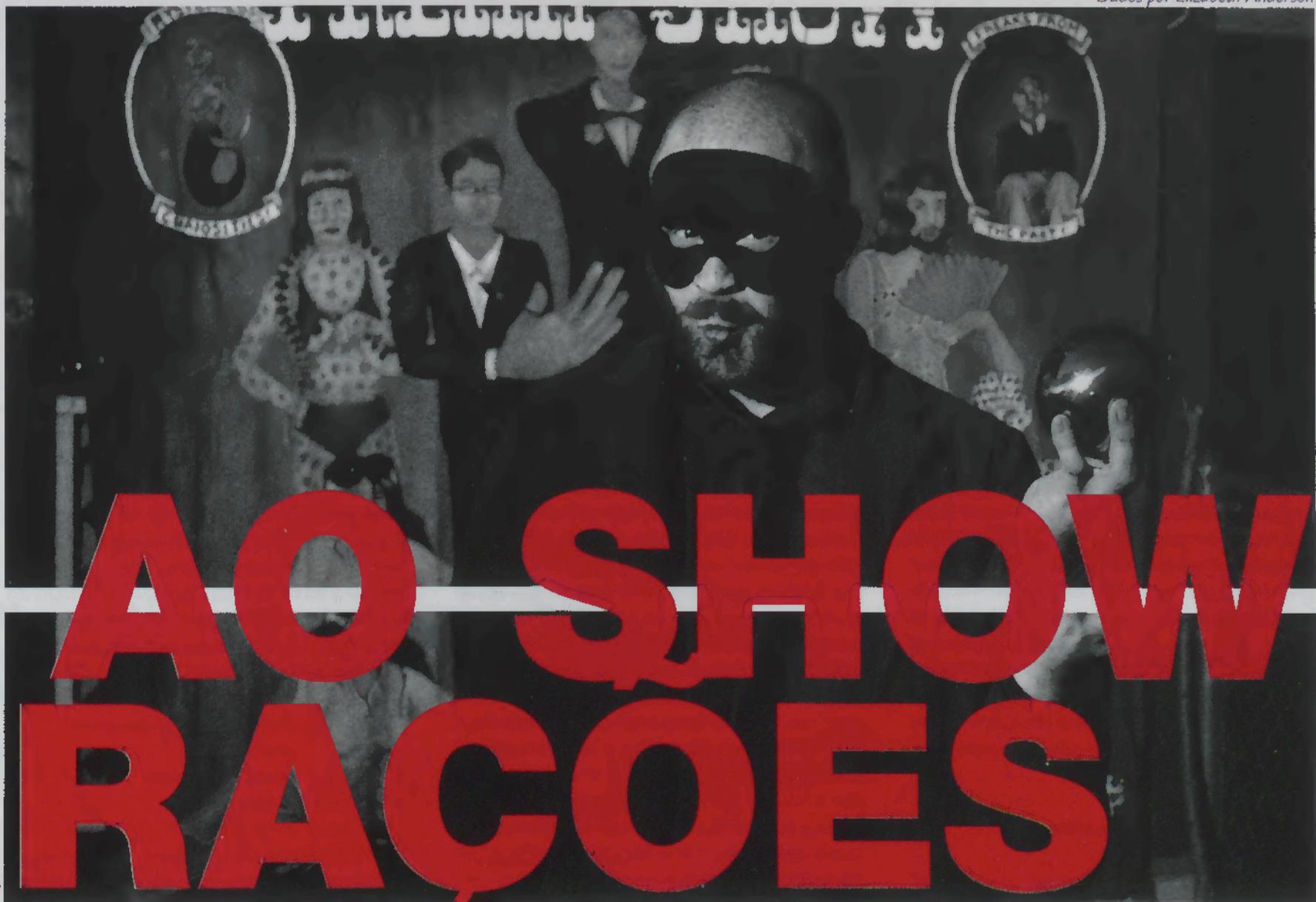
rações no passado parece funcionar pelos lugares por onde o grupo passa. “As pessoas amam o show! Eles entram no museu depois da apresentação para conversar com os Freaks e nos mostram suas anomalias ou nos contam sobre parentes dos quais têm orgulho”, conta Samantha. Dentre esses exemplos de interação, ela conta sobre um garoto de 16 anos cuja mãe possuía neurofibromatose (a mesma anomalia que o Elephant Man). “Depois do show, ele trouxe a mãe para dentro do museu, pediu para falarem conosco a sós e disse a ela o quanto a amava. Disse que se arrependia por sentir vergonha dela e agora tinha percebido que estava errado”, ela conta.

Mudar a visão das pessoas pode não ter sido a intenção inicial do grupo, mas se tornou parte do espetáculo. O próprio nome brinca com isso: são 999 olhos, várias maneiras diferentes de enxergar as coisas. O 999 Eyes se transformou numa oportunidade real para a integração de seres diferentes por natureza. Normais ou não, em cima do palco todos eles são estrelas, e ao final de cada apresentação, os “sortudos” é que dão a lição. “Eles têm muito a nos ensinar. É incrível ver como a sociedade interage com eles. Aprendi muito sobre a natureza humana”, revela Samantha x, uma “sortuda” por insistência.

AS ABERRAÇÕES DO 999 EYES OF ENDLESS DREAM CARNIVAL MUSEUM & SIDESHOW

NOME ARTÍSTICO	ANOMALIA E DESCRIÇÃO
Lobster Boy e Lobster Girl (Menino e Menina Lagosta)	Ectrodactilia - falta de alguns dos dedos da mão enquanto os outros são fundidos, aparentando garras de lagosta
Seal Boy (Menino Foca)	Focomelia - má formação dos ossos dos membros superiores ou inferiores, braços aparentam os de foca
Half-girl / Human Tripod (Meia-menina / Tripé Humano)	Deficiência focal femoral proximal - fêmur inexistente na única perna que tem
Anã	Acondroplasia
Os Gigantes	Síndrome de Marfan
Modern-day Elephant Man (“Homem Elefante moderno”)	Neurofibromatose - tumores geralmente benignos nos nervos em diversas partes do corpo. Ele também não possui uma das pernas

Dados por Elizabeth Anderson



O AO SHOW RRAÇÕES

TRÊS
OT
QUA
LTRO

O CORPO HUMANANO E O LABO- RATORIO

Com uma filmografia de temáticas divididas entre o horror e o fantástico, David Cronenberg arrisca-se por um caminho denso que poucos diretores de cinema escolhem trilhar e cativa um público fiel à proposta.

TRÊS ESTÁ NA ESSÊNCIA DA ARTE
QUA contemporânea a ideia
TRO de gerar instabilidade
naquilo que parecia já
ter caráter simbólico
consolidado: descon-
struir, remontar, gerar
novos significados e
fundi-los com a reali-
dade. É nesse contexto de experimentação
que está inserida a obra do diretor de cine-
ma canadense David Cronenberg. Nascido no
ano de 1943, de pai jornalista e mãe pianista,
Cronenberg chegou a cursar faculdade de Bio-
logia, demonstrando interesse peculiar pelo
estudo de insetos, mas depois mudou para o
curso de Letras, no qual graduou-se em 1967.
Ainda quando cursava Letras, o canadense
deu seu primeiro passo no mundo cinemato-
gráfico fazendo dois curta-metragens de custo
zero em 16mm: *Transfer* (1966) e *From the Drain*
(1967). Na década seguinte dirigiu diversos
outros curtas-metragens para a televisão, até
que, em parceria com Ivan Reitman – que teria
sucesso produzindo e dirigindo comédias nos
anos 80 e 90 – gravou *Catáfridos* (*Shivers*, 1975) e
Enraivecida na Fúria do Sexo (*Rabid*, 1977), boas
amostras do que ele viria a desenvolver em seus
trabalhos posteriores: o estranho, o escatoló-
gico, o comportamento extremo do homem e
da máquina e o horror fantástico. Em 1979,
o diretor filma *Filhos do Medo* (*The Brood*), fe-
chando com seus dois filmes anteriores uma
espécie de trilogia que lhe rende o apelido de
“Rei do horror venéreo”

A TRANSCENDÊNCIA DA CARNE

Cronenberg trabalha em um campo

vasto e, na maioria das vezes, repulsivo, em
que a histeria coletiva é abordada com exce-
lência. Para o diretor, o corpo humano está
ali justamente para ser deformado, destruído
e testado em suas múltiplas utilidades. Os
fantasmas de Cronenberg são todos reais, e
talvez por esse motivo o diretor sempre tenha
se recusado a fazer filmes sobre demônios, al-
mas penadas ou temas metafísicos. Não exis-
te em sua obra o intocável ou o invisível sim-
plesmente porque a morte não é intocável,
e sim a putrefação da carne e o fim da vida.
Esse caráter superior da carne é o centro de
obras como *Scanners – Sua Mente pode Destruir*,
de 1981, *A Mosca* (*The Fly*, 1986), refilmagem
do clássico *A Mosca da Cabeça Branca* (*The Fly*,
1958), e *Gêmeos – Mórbida Semelhança* (*Dead
Ringers*, 1988). A relação entre corpo, mente
e máquina são transparentes.

Em *Scanners*, a telepatia ultrapassa uma habi-
lidade mental para se tornar uma habilidade
física, perceptível e dolorosa, inclusive. E se a
ciência está aí para ser estudada e utilizada
pelo homem a seu favor, isso não quer jamais
dizer que seu uso será controlado. O inseto
que vemos nascer da fusão molecular entre
um homem e uma mosca doméstica em *A
Mosca* é, claramente, uma crítica à crise da
coerência humana frente às novas tecnolo-
gias. O jornalista e estudioso do cinema de
horror Carlos Thomaz Albornoz definiu bem
essa característica na obra de Cronenberg:
“O problema não é a ciência, é quem ‘cuida’
e não dá limites a ela. Essa é a consequência
na visão de mundo de Cronenberg. Não é uma
coisa gratuita”. A perda da identidade na bus-
ca pelo prazer é outro elemento que atinge ex-
tremos nas obras cronenberguianas. Quando

flávio soares
flavioaguilar@gmail.com
cristiana simon
crisl_simon@hotmail.com

Seth Brundle, o cientista interpretado por Jeff
Goldblum, percebe que adquiriu uma energia
sexual renovadora após passar pelo processo
de teletransporte, a reação imediata é o des-
lumbre, e não a autocrítica de futuras com-
plicações resultantes da experiência.

Em *Crash*, inspirado no
romance homônimo de
J.G. Ballard de 1973, Da-
vid Cronenberg vai além.
O corpo funde-se à má-
quina, buscando uma for-
ma de prazer psicopatoló-
gica e doentia. Orifícios,
parafusos, genitálias dila-
ceradas, lacos de vidro e
pele, velocidade e proemi-
nências metálicas geram
o gozo conjunto e nada egoísta dos persona-
gens. O combustível de tudo: fetiche. “Eu di-
ria que *Crash* é o suprassumo do fetiche”,
afirma Hiron Goidanich, crítico de cinema. Um
fetiche que em muitas cenas causa asco
mas, nas mãos de Cronenberg, tem explicação.
O prazer sexual que as personagens de *Crash*
sentem pelos automóveis se relaciona ao po-
der que essas máquinas ganham nas mãos do
homem. De todos os poderes, sem dúvida,
o maior é o de matar, e isso leva Ballard e seus
amigos a procurarem carrocerias acidentadas
para a prática do sexo ou até extremos como
simular acidentes de trânsito famosos.

O REAL E O IMAGINÁRIO COMO PROJEÇÕES DA MENTE

A problemática relação entre homem e máqui-
na aparece com um horror menos escatológico

em *Videodrome - Síndrome do Vídeo* (*Videodrome*, 1983) e *eXistenZ* (*eXistenZ*, 1999).

Os filmes firmam um diálogo ao tratarem ambos do conceito de "realidade virtual", e da confusão entre esses diferentes níveis

de realidade. Em *Videodrome*, perdemos a noção do que é real ao ver a história contada por Max Renn (James Woods), personagem que sofre com o maligno sinal de TV causador de alucinações e tumor cerebral nos seus espectadores. O filme ainda é, segundo Albornoz, "uma crítica ao mundo moderno e ao corporativismo", retratando a confusão que a mídia provoca entre o real e a ficção - algo extremamente criticado por Guy Debord em seu livro *A Sociedade do Espetáculo*, influência declarada na obra de Cronenberg.

Se em 1983, é a televisão que ganha atenção especial em *Videodrome*, em 1999, é a vez dos jogos virtuais - e por que não dizer, do mundo da web - ganharem a confusão de *eXistenZ*. Existe entre os filmes, porém, uma diferença fundamental: ao contrário de *Videodrome*, onde as pessoas são levadas a outra realidade contra sua vontade, em *eXistenZ* a fuga é gozada com um fetichismo que lembra *Crash*. Isso não impede, no entanto, que se dê a mesma confusão com o real que se dá em *Videodrome*. A adoração e o prazer causados pelo bizarro jogo - híbrido entre a tecnologia e o aproveitamento de organismos vivos, conectado ao corpo humano diretamente na medula - causam por fim o fanatismo religioso que motiva pessoas a atentarem contra a criadora do *eXistenZ*, Allegra Keller (Jennifer Jason Leigh). A alienação da sociedade que Cronenberg critica em *Videodrome* e *eXistenZ* chega fundo no papel da mídia como porta-voz dos acontecimentos. A exposição à violência e à sexualidade e o culto à ciência teriam um papel banalizador à idéia de humanidade, resultando em patologias complexas e agonizantes - o ser estranho, assustado e assustador.

Em 2002 Cronenberg filma o que talvez seja seu filme menos repulsivo, mas igualmente tenso. *Spider*, protagonizado por Ralph Fiennes é uma obra de analogias entre realidade

e ilusão, mundo adulto e infantil e sanidade e loucura. Para Hiron Goidanich, *Spider* "é uma coisa mais contida. Às vezes parece que as coisas estão acontecendo mais no cérebro do personagem do que no real, e isso nos remete mais especificamente ao Kafka". De fato, o tratamento dos espaços interiores lembra bastante *A Metamorfose*. A mente do protagonista é uma rede crua e esquizofrênica. Fria, talvez, mas não de uma frieza violenta e sim, psicológica. *Spider* realmente tece teias em sua psique e envolve o público, que nada mais pode fazer além de se deixar guiar por uma Londres vazia e silenciosa. Um não declarado complexo edipiano ainda coloca teorias freudianas nas entrelinhas e temos um jogo difuso de recortes entre passado e presente em que não se sabe quem está no comando.

A singularidade dos personagens de David Cronenberg chegou a significar o aparecimento, por obra dos críticos, do adjetivo "cronenberguiano": pessoas inconscientes do seu lugar no mundo, buscando sua identidade em meio à catarse de sentidos da sociedade em que vivemos. Porém, a formalização de um estereótipo é sempre perigosa. Goidanich diz que "não chega a existir uma consistência, com personagens constantes na obra do

"Sou obcecado pelo orgânico. E por isso que minha tecnologia é toda orgânica. Meu entendimento da tecnologia é uma extensão do corpo humano"

TRÊS POR QUATRO

CAOS E MÚSICA - LIBERDADE



Ser diferente e bizarro no mundo da música não significa ser autêntico ou ter talento. Mike Patton é tudo isso sem ser forçado, sem ser estrela, e sem ser óbvio. E se você pensar exatamente o contrário? Ele não dá a mínima pra isso.

joseane demeneghi
josie.asd@gmail.com

VOCÊ DEVE CONHECER MICHAEL ÁLLAN PATTON (AKA Mike Patton) por cantar na banda californiana de Funk Metal Faith No More. Não à toa. Foi a única banda de Patton que chegou ao mainstream, vendeu milhares de discos e tocou em inúmeros países. “Underground e mainstream são categorias que não falam da qualidade da música. São categorias para pessoas de negócio”, rebate o músico. O fato é que foi o FNM que o apresentou ao mundo e o permitiu tornar-se um ícone da música contemporânea, mesmo que não seja devidamente reconhecido.

No Brasil, a banda deu as caras pela primeira vez em 1991, após uma memorável apresentação no Rock in Rio II. Foi lá que o moço de corpo esculpido, olhar profundo e cabelo comprido conquistou centenas de fãs brasileiras com seu jeito engraçadinho de cantar e estilo irreverente de se portar no palco. Mas não era disso que ele queria saber. Dizia nas entrevistas da época que sua maior lembrança do Brasil era o cheiro de mijo ao redor do palco do festival. Também adorou ver o Maracanã lotado gritando “Bo-ta-pra-fo-der!”. Aliás, uma coisa da qual Patton sempre fez questão pelos países em que passou, foi aprender diversas frases na língua materna de cada local. Daí surgiu o mito de que ele fala umas quinze línguas – embora saiba fluentemente somente inglês e italiano. Mas o que chocava mesmo eram suas performances. Quase tão caótico

quanto o punk *GG Allin*, urinava em suas botas e depois bebia, pedia que cuspissem em sua boca durante as apresentações e até chegou a comer lixo atirado pela platéia em um festival de Portugal. Fora dos palcos, fazia declarações bizarras sobre sua sexualidade e confundia imprensa e público com respostas falsas, irônicas e dúbias. Para completar, destratava todos os apresentadores da MTV pelos quais era entrevistado e cortou suas madeixas apenas por ter se irritado com uma revista americana de adolescentes, uma espécie de *Capricho* gringa, que imprimiu sua foto na capa.

Parece forçado? Ele não precisaria de nada disso para ganhar notoriedade no meio musical. Embora seus vocais nasalados no álbum *The Real Thing* (1989) tenham sido duramente cri-

ticados, o seu trabalho no *Angel Dust* (1992) se tornou um dos mais influentes da década de 90. Os vocais estavam mais encorpados, transitavam entre grunhidos e guturais, vocais ora mais graves, estilo Frank Sinatra, ora mais agudos e falsetes, sem abandonar também o estilo rap, que fazia a mistura essencial para tornar a banda uma referência. Até mesmo Lionel Richie elogiou a cover que a banda fez de *Easy*, sua composição à frente do *The Commodors*. Por outro lado, as bandas de nu-metal, que surgiram um pouco mais tarde, citam o Faith No More como uma de suas principais inspirações, fato do qual Patton faz questão de dizer que não tem culpa. “Culpem a mãe desses caras”, responde sempre que entram no assunto.

Essas atitudes todas não têm muito a ver com sua reação à fama. Bem antes de conhecer o sucesso, Patton já apresentava essa postura na sua banda de colégio, a *Mr Bungle*. Criada em 1985, eles tocavam algo como um *Death Metal* com saxofone (ou *Ska-metal*, *Metal Avant-garde*...). Soava diferente de qualquer coisa. Suas músicas traziam elementos do *Ska* californiano, intercalados com o peso do *Heavy Metal*, sucedidos por trechos jazzísticos e misturados ora com ruídos e gritos, ora com música alguma, sem falar em música circense. Talvez lembrasse o *Frank Zappa*, um pouco mais atual e mais bem produzido. Em palco, os músicos da banda foram os precursores do uso de macacão de frentista e máscaras macabras – o estilo que a banda *Slipknot* copiou



completamente non-sense que, se uns dizem ser um exercício vocal, Patton apenas afirma que “foi uma forma de matar tempo na estrada e de me divertir”. Seja como for, não é algo que qualquer pessoa lançaria no mercado. Foi, provavelmente, o primeiro álbum que evidenciou a desconstrução musical característica do cantor e que realmente chocou seus fãs. “Vendeu milhões!”, ironiza.

Quando surgiu o Fantômas, em 1999, os fãs já estavam mais preparados para o que viria. De uma banda de Rock Experimental encabeçada por Mike Patton, que contava inclusive com o baterista Dave Lombardo (Slayer), não podia vir nada muito normal. Teve álbum de uma única faixa, com 74 minutos de uma espécie de trilha sonora sem imagens, álbum de trinta faixas – uma para cada dia do mês de Abril – das mais variadas durações, com gritaria, trechos de desenho e muito peso, e até um álbum mais conceitual, com releituras de trilhas sonoras de clássicos do cinema, como O Poderoso Chefão (1972) e O Bebê de Rosemary (1968). Susto mesmo os fãs devem ter levado quando Mike Patton apareceu com o Tomahawk, uma banda de rock alternativo que poderia muito bem tocar em rádios. Foi seu trabalho que mais se aproximou do já extinto Faith No More. Claro que as performances de palco não deixavam a desejar. Em um show de Londres, em 2002, trajando uniforme de policial norte-americano, uma das marcas da banda, Patton resolveu abrir suas calças para urinar nos seguranças. Dizem que ele fugiu para o hotel assim que o show terminou.

Ao longo dos anos se tornou impossível adivinhar o que sairá de sua cabeça. Lovage, por exemplo, é um projeto de Trip Hop que contrasta com qualquer outro trabalho que o cantor já tenha feito. No único álbum lançado, intitulado (e com razão!) *Music To Make Love To Your Old Lady By* (2001), ele divide vocais extremamente sensuais com a cantora Jennifer Charles. Já em *General Patton vs. The X-Ecutioners* (2005), Mike explorou sua habilidade com as pick-ups. “Eu escolhi gravações, mandei para os The X-Ecutioners, eles fizeram inserções, mandaram os arquivos de volta e eu editei e adicionei”, conta. O resultado é um álbum de

hip-hop experimental, que mais uma vez desconstrói as noções de começo-meio-fim da música tradicional. E para abrir ainda mais a cabeça de seus fãs, veio em 2006 o *Peeping Tom*. De longe o lançamento mais pop do cantor, que mistura elementos principalmente do Rock, Rap e Música Eletrônica, típico da Black Music contemporânea. Nem por isso o cd se torna comum. Ele levou cerca de seis anos para ser lançado e conta com uma participação diferente em cada faixa. São produtores ou cantores que receberam versões demo pela Internet e que puderam trabalhá-las para enviar de volta para a finalização. Nora Roberts é uma participação que deixou todo mundo boquiaberto, principalmente pelos vocais lascivos que faz em *Sucker*.

Para lançar tanto material diferente e experimental, só mesmo com um selo próprio. Em

1999 Patton criou juntamente com seu empresário, Greg Werckman, a Ipecac. E a única coisa comum a todas as bandas da gravadora é que elas são singulares. “Único é o que nós estamos procurando. Não importa se elas são mainstream ou não”, afirma. E única também é a postura do pessoal por lá. Dizem que bem no início eles respondiam a todas as cartas que chegavam, e junto mandavam uma nota de um dólar dentro do envelope. Hoje não funciona bem assim, mas os e-mails recebem a devida resposta rapidamente.

Longe de parar com sua música, Patton também acumula em seu currículo diversas participações nos mais variados estilos. “Por que se limitar?”, indaga o cantor. Colaborou com a banda brasileira Sepultura, com o jazzista americano John Zorn, com o norueguês Kadda e com a brasileira Carla Hassett – numa adaptação para português da música Julia dos Beatles. Ainda gravou vocais para a banda americana Dillinger Escape Plan, e participou de um dos mais experimentais álbuns da islandesa Björk, o *Medúlla* (2004), todo ele gravado por vocais. Nas mais recentes aparições em público, canta à frente de uma orquestra italiana, num projeto baseado no documentário *Mondo Cane* (1962). Patton faz questão de ignorar as tendências e as expectativas. “Eu apenas crio o que eu gosto e espero que os outros gostem disso também. A vantagem é que estou feliz com o que criei e posso isolar tudo o que é lixo”, diz. E ele não se incomoda

com o que as pessoas pensam de suas criações. “Apenas controlo o que faço. O resto está fora de minhas mãos”, acrescenta.

Em pouco mais de 20 anos de carreira, Mike Patton já fez pela música o que muita gente não é capaz de fazer em uma vida inteira. Sua capacidade de extrapolar os limites sem nenhum pudor é uma qualidade rara. Aquilo que as pessoas fazem com sua voz em casa, brincando na frente do espelho, ele vai ao estúdio e grava. Ou apresenta ao vivo para centenas de pessoas. No YouTube circula um vídeo do *Monchild*, outra de suas colaborações, em que ele faz oito minutos de solo vocal sem uma melodia sequer. O curioso é que ele segue um papel, como se fosse uma partitura, mas o que estava escrito lá, de fato, ninguém sabe.

Patton não se considera uma referência dentro da música e ignora as camisetas que alguns de seus fãs usam, com os dizeres ‘Mike Patton is God’. Tudo o que ele busca fazer é “uma arte interessante”, independente de inovar ou agradar o público. “Eu quero ter certeza de que são pedaços de um trabalho do qual eu tenho orgulho e que eu ouviria”, diz. E para isso, ele não mede esforços nem meios. “Se você pode fazer música no seu vídeo game, quem pode dizer que isso não pode dar certo?”, dispara. Se essa é a próxima aposta de Mike Patton, é difícil dizer. Mas alguém duvidaria?

anos depois. Já as letras eram carregadas de conotações sexuais e de escatologias, com a naturalidade com que esses assuntos deveriam ser tratados. A notoriedade veio somente após a entrada de Patton no Faith No More. Foi nesse período que assinaram contrato com a Warner Bros, algo que nem mesmo eles acreditavam. “Era um esforço conjunto e um completo caos em todas as gravações. Algo do qual não sinto falta”, declara.

“Eu não penso em música conceitualmente. É apenas o que eu tenho em minha cabeça”, diz Mike Patton. E pelo jeito sempre teve muita coisa passando pela cabeça do cantor. Em 1996, lançou seu primeiro álbum solo. *Adult Themes for Voice* traz 34 faixas de ruídos e edições feitas com sua própria voz. É uma obra

TRADIÇÃO CIVILIZADA URBANA E MORANDO

RÉS
QUA

NÃO É NADA COMUM UMA CIDADE SER DOTADA DE unidade arquitetônica. A não ser que ela seja relativamente nova e não tenha tido ainda tempo de vida suficiente para refletir os diferentes períodos de sua história. Não é o caso de Porto Alegre. Segundo o arquiteto e professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFRGS, Douglas Aguiar, “como a maioria das cidades do mundo, diferentes partes da capital gaúcha refletem distintas épocas da história da arquitetura”. Assim, ele afirma que Porto Alegre não tem uma característica típica, mas sim “uma variedade de estilos desde 1970 até hoje”. Por isso, poder-se-ia dizer que os diferentes bairros da cidade contrastam entre si, provavelmente provocando certo estranhamento à pessoa que está habituada a somente determinada parte do município. Porém, o que vem acontecendo recentemente é uma mistura e união de diferentes estilos num mesmo bairro, fruto de uma tentativa de promoção da interatividade entre pessoas de classes sociais distintas, o que resulta num contraste ainda maior e mais evidente.

OS CONJUNTOS HABITACIONAIS

Durante meados dos anos 1970, houve o que se pode denominar de era do conjunto habitacional, o que pode ser percebido principalmente nos bairros da Zona Norte de Porto Alegre, próximos ao município de Alvorada. Ali estão localizados alguns dos conjuntos habitacionais mais bem constituídos da cidade, como o Leopoldina, o Rubem Berta e o Parque dos Maias. Tradicionalmente periféricos, mais recentemente, há cerca de quinze anos, os conjuntos habitacionais começaram a ser projetados no interior da cidade tradicional, sendo misturados aos bairros de classe média. Fazendo isso, “cria-se uma condição espacial alheia à situação de rua e quarteirão onde a classe média vive”, explica Aguiar. Assim, formam-se o que o arquiteto denomina de “guetos urbanos por diferenciação”, ou seja, aquela área passa a ser discriminada por não ser naturalmente passagem, não dar continuidade à formação urbana tradicional do bairro. “Há uma descontinuidade do arruamento que acaba colocando esses conjuntos habitacionais em confronto com o restante do bairro”, explica. Por exemplo, ao andar pela rua Santa Terezinha, no bairro Santana – que é de classe média, em direção à avenida Ipiranga, o núcleo Planetário bloqueia a rua. Segundo Aguiar, justamente por essa constituição espacial estranha ao bairro onde está situada, ao invés de se promover o contato entre diferentes classes, viabiliza-se a estratificação social, pois – evitados pelos residentes dos arredores – os membros daquela comunidade acabam relacionando-se somente entre eles mesmos.

A CONVIVÊNCIA

Há moradores desses conjuntos habitacionais, no entanto, que não compartilham da mesma opinião de Aguiar. Maria Ilda, por exemplo,

que vive no Núcleo Planetário há mais de 30 anos, tendo ido para o local antes mesmo das construções das casas, afirma que o pessoal que vive ali mantém contato com praticamente tudo o que há perto: “as crianças brincam com as outras crianças, as pessoas que precisam passar por aqui passam sem problema nenhum, é normal aqui, é tranquilo”. Adriana, que morou no local durante 23 anos, mas hoje somente visita diariamente a família que permanece vivendo ali, concorda “Não existe nenhuma resistência das pessoas em passar por aqui, isso aqui não é um condomínio fechado, é aberto, então é livre, passa quem quiser”. Porém, a percepção dos moradores em relação à ausência ou presença de discriminação por parte do bairro de classe média onde estão inseridos parece ser contraditória. Ao mesmo tempo em que dizem se dar bem com todo mundo, relatam que há muitas pessoas que culpam o pessoal do Planetário pela violência que ocorre na região, mesmo quando os casos não têm nenhuma relação com eles. Maria Ilda confessa que tem muita gente que frequenta o local por causa das drogas e acabam, em determinadas situações, violentando as pessoas do bairro, que culpam os residentes do Planetário. Já Adriana declara que o preconceito é antigo. Segundo ela, a vila é muito discriminada pelas pessoas dos prédios do entorno porque naquele local estava prevista a construção de um shopping. “Se dependesse do pessoal que mora aqui em volta, o Planetário não estaria aqui”, desabafa.

Além disso, segundo relatos dos moradores, percebe-se que as residências não foram construídas visando à interação entre as classes, embora de alguma forma talvez se propusessem a extinguir ou pelo menos amansar o atrito entre elas. Os residentes não foram deslocados de um lugar periférico para o meio da classe média. Eram pessoas pobres que não tinham onde viver e ocuparam o terreno que, na época, estava vazio e, ali, foram permanecendo. Depois de muita briga para a retirada deles daquele local devido a suas condições – que, segundo eles mesmos, era “um pantanal”, “um ninho de rato”, “um nojo” – eles adquiriram o direito de permanecer. “A gente não ganhou isso aqui fácil. Foi tudo com muita luta, muita perseverança. Nós lutamos pelos nossos direitos, porque do jeito que estávamos aqui não dava para ficar”, ressalta Dina, mãe de Fabiana.

A EVOLUÇÃO

Se a opinião diverge em relação ao contato com os vizinhos hoje, a percepção da atualidade em comparação ao passado é a mesma. Maria Ilda declara que, quando chegou ao local, não havia nada. “Tinham somente três famílias morando aqui; a área era cercada de placas grandes; da maioria dos locais não dava para olhar para dentro; havia somente uma entrada; era bem mais isolado antes” – relata. Segundo ela, o contato com o restante do bairro é bem melhor agora do que antes da construção das casas. “Hoje em dia isso aqui é um luxo para quem mora aqui”, complementa Fabiana.

Favelização da arquitetura moderna promove contrastes dentro de um mesmo espaço urbano

aline duvoisin
alineduvoisin@yahoo.com.br

ruas estreitas caracterizam tanto o conjunto Platetário quanto a favela ao lado do Galpão do IBGE



Com isso, percebe-se que os conjuntos habitacionais não passam de uma evolução dos bairros populares ou favelas. Segundo Aguiar, “a favela é, em geral, uma situação urbana que não escolhe nem centro nem periferia, então é uma situação de urbanização informal que se insere em oportunidades espaciais”. Conseqüentemente, pode gerar conjuntos habitacionais centrais ou periféricos.

A FAVELIZAÇÃO

No sentido inverso ao da constituição dos conjuntos habitacionais, ocorre hoje o que Aguiar denomina de “favelização do conjunto habitacional”. Segundo ele, “a arquitetura desses locais – que é uma arquitetura do movimento moderno, ortodoxa; o bloco habitacional – ela vai sendo transformada, vai sendo faveliza-

da, literalmente, vai tendo ampliações no térreo, em cima, em baixo...”. A filha do arquiteto, Júlia Aguiar, cineasta e diretora do documentário *Das garagens*, se impressionou com o Rubem Berta durante a realização do filme, pois, cada vez que voltava lá, o local havia mudado muito. Segundo ela, as casas das pessoas cresciam como, por exemplo, a da Márcia, uma das entrevistadas durante o documentário. “Ela havia recém comprado uma garagem – um cubículo, com área suficiente para abrigar um carro, estava destinado a ser sua residência – mas Márcia via um grande potencial naquele pequeno espaço, pensando em ‘subir para cima’, ‘esticar para o lado’ e assim a construção vai crescendo, subindo, como uma coisa viva”, relata Júlia.

De acordo com Aguiar, essa seria a manifestação arquitetônica mais clara da cidade brasileira contemporânea: a favelização da arquitetura modernista. Júlia concorda: “Acho que a cidade está tomada pelo espírito da favela, exceto em alguns (poucos) bairros de classe média alta onde é feito esforço constante para afastar a população empobrecida”. Segundo ela, qualquer espaço com o mínimo de condição vai sendo ocupado, pois há muita gente com muito pouco e essas pessoas vão dando um jeito de sobreviver. Assim, a cidade acaba sendo vista como um território a ser explorado, descoberto e conquistado. “Isso é muito maluco, uma subversão total da cidade tradicional” – conclui Júlia.

TRÊS POR QUATRO



fotos de aline alvoisim

rua do bairro Santana (à esq.), de classe média, que rodeia e contrasta com o conjunto habitacional (à dir.)



SENCIALAU SUPERADAS PELA FÉ

Cada pessoa constrói seu espaço e planeja até onde pretende ir. Mas, para algumas delas, os limites de um convento já são a garantia da felicidade

**paulo henrique teles de almeida
pauloohhenrique@yahoo.com.br**

**TRÊS
QUA
LTRO**

PIPOQUEIROS E VENDEDORES de algodão-doce disputavam a preferência das crianças, que corriam de um lado para o outro, subiam no balanço, andavam um pouquinho, cansavam. Queriam o pedalinho, a bicicleta, enfim, eram as donas do parque. Nada mais justo, era o dia delas. A Redenção estava repleta de pais e filhos aproveitando o feriado do Dia da Criança. Alguns quilômetros adiante, entre muros e grades de um convento em São Leopoldo, a freira Elaine, irmã Maria Paula da Eucaristia, pedia à Nossa Senhora Aparecida a evangelização dos brasileiros. No feriado em homenagem à Padroeira do Brasil, a crença em “Quem tem Deus tem tudo” e “As grades não nos separam do mundo; ao contrário, nos une ainda mais” embalsamaram os relatos da religiosa de 29 anos.

“Não gostava de ir à igreja, nem de participar da missa. Minha mãe me obrigava a ir. Nunca na minha vida pensei em ser freira. Quando tinha 19 anos, minha mãe brincou: ‘Está procurando tanto, vai acabar no convento’. Eu disse que ela estava louca”. Quando fez a crisma, a jovem parou de freqüentar a igreja. Com 15 anos, já trabalhava em um supermercado e tinha namorado.

Em um domingo, já com 20 anos, assistindo ao “Domingão do Faustão”, Elaine viu pela primeira vez o padre Marcelo Rossi. Admirada com a multidão que sempre o acompanhava, passou a assistir na televisão a todos os programas em que o padre participava. Percebendo o interesse da filha pelas apresentações, a mãe lhe deu passagens para ir a São Paulo assistir a um show do sacerdote. Durante a pregação, Marcelo Rossi disse que, naquele lugar, havia muitos jovens chamados à vida religiosa. A partir daquele momento, Elaine começou a se questionar e, dentro de um grupo de jovens da Renovação Carismática, a trilhar seu caminho em direção à clausura.

“Por que ficar presa atrás das grades?” foi a primeira pergunta feita por sua mãe, que tinha, enfim, uma filha convencida dos valores católicos, disposta a renunciar às relações familiares, às antigas amizades e à vida em sociedade. O emprego no supermercado foi deixado para trás e substituído por horas de isolamento em uma cela, onde, por meio do silêncio e da meditação, ela acreditava estar mais perto de Deus.

**carla bagatini
carlabagatini@yahoo.com.br**

Segundo a jovem freira, o amor não deve ter relação com o prazer, mas com o sacrifício e a doação. “O sofrimento não pode ser encarado como barreira, mas como um degrau que nos leva à felicidade”. Esse é um sentimento estampado no rosto de cada uma das 22 irmãs que vivem atualmente no convento. “As pessoas acham que, por ficarmos apenas no convento, deve ser uma vida monótona, mas cada dia é diferente, cada dia tem uma novidade”.

Essas novidades podem vir por meio de filmes, da televisão ou também da internet. As freiras são permitidas a assistir a programas católicos e a trocarem e-mail com religiosas de outros conventos. Além disso, acordam todos os dias às cinco horas e, após a reza, o café da manhã e a missa, dedicam-se à arrumação da casa, assim como à produção de hóstias, velas e à manutenção da horta – todas as atividades exercidas com o máximo de silêncio. “Temos que preencher nosso tempo com coisas que nos levem a uma vida de oração”.

Segundo a irmã, obediência e humildade aos dogmas e concepções da fé são caminhos que dão a garantia da felicidade. Questões relacionadas à castidade são inquestionáveis, enquanto aborto e uso de drogas, inaceitáveis, bem como apregoa o atual

pontífice da Igreja Católica. “Eu sou muito contente por ter Bento XVI como papa, pois justamente me sinto segura. Do líder da igreja, devemos esperar essas confirmações mesmo. Não devemos esperar que ele crie regras diferentes ou comece a liberar e flexibilizar coisas que não seguem a vontade de Cristo. O papa não disse nada diferente do que Jesus já pregou”.

Existe entre elas e a religião um consentimento tácito que nem as longas horas de reflexão abalam – um universo criado por trás de grades onde se encontra o silêncio e a fuga do mundo externo. “Quando tenho que sair em casos excepcionais, como ir ao dentista, acho tudo horrível e sinto vontade de voltar correndo”, confessou.

Algumas horas depois daquele dia de Nossa Senhora Aparecida, Elaine nos deixou com um sorriso de criança, assim como aqueles que povoavam a Redenção a quilômetros de distância. O sino tocava, e ela tinha que voltar às orações. Como mensagem aos jovens, pediu para que todos seguissem os mandamentos de Deus, apontando-os como a única forma de ser verdadeiramente feliz.

O ENCONTRO COM A JUSTIÇA

O relato de um inocente que conheceu o interior da prisão

PORTO ALEGRE, APROXIMADAMENTE 18H DE UM DIA DE OUTUBRO de 2005. Um rapaz de vinte e poucos anos, negro, com cabelos no estilo dreadlock caminha a passos largos pela rua Ramiro D'Ávila, no bairro Azenha, atrasado para o colégio, quando cruza com um grande amigo e os dois se põem a conversar animadamente.

O dia-a-dia de alguém ligado ao movimento hip hop é assim: andar pelas ruas da cidade, encontrando amigos, trocando idéias, com a consciência tranquila de quem não escolheu o caminho do crime. De repente, essa rotina pode ser quebrada pela injustiça.

Um carro sem identificação de qualquer órgão freia bruscamente. De dentro do veículo, dois homens do Departamento de Investigações sobre Narcóticos (DENARC) apontam pistolas para os amigos e ordenam que se ajoelhem. "Não entendi se era polícia ou era bandido. Quando vi que era polícia, fiquei tranquilo, não devo nada", diz o rapper, que não quis se identificar. Vou chamá-lo de MC.

Os jovens estavam conversando na frente de um prédio em que um morador era suspeito de envolvimento com o tráfico e amigo de MC. Ao chegarem à frente do prédio do suposto traficante e avistarem um jovem negro, parado na porta, os policiais chegaram à conclusão de que ele estava de "campana". Um deles encostou o rosto de MC na parede e, com os punhos fechados, pressionava seu rim e afirmava que sabia que ele era culpado. "Por que tu tá fazendo isso?", perguntou MC. "Tu vai dizer que horas que chegou a droga!" "Tá tendo um grande engano, se você tá investigando você deve estar sabendo que eu não tenho nada a ver com isso." "Não, a gente sabe que tu tá envolvido." "Mas como?"

Não importava como. Estava decidido. MC, o amigo

com quem conversava e o outro que estava no apartamento foram levados a pé até o Palácio da Polícia, na avenida Ipiranga. Algemados. Era horário de pico. O bairror viu tudo. "Isso acabou me difamando. Conheço todo mundo ali."

"Eu sofri o peso do preconceito."

O amigo que conversava com MC foi logo solto. Foi enquadrado apenas como usuário. Coincidência, ou não, era branco. Os outros dois ficaram cerca de cinco horas detidos em uma cela do DENARC, sem poder ligar para ninguém. MC prestou depoimento, reafirmando sua inocência. O supostamente traficante não quis depor, o que dificultou a vida do rapper.

Foram encaminhados ao Presídio Central de Porto Alegre. Sem que se averiguasse a veracidade das acusações, sem que pudessem contatar a família ou um advogado, quem estava indo para a escola, agora, iria conhecer o presídio. "Me senti pior que um verme, um nada."

Antes que as autoridades escolham a cela a que vão destinar cada um dos novos moradores que chegam ao local, estes são encaminhados a uma sala conhecida como "jumbo". Trata-se de um cubículo, com uma pequena janela pela qual entra pouquíssima luminosidade, uma laje fria e um buraco onde os detentos defecam e urinam. Muitos dos que passaram por ali assinararam nas paredes com seus dejetos.

Nesse ambiente é que MC passou sua primeira noite na cadeia, em companhia de mais oito ou nove pessoas. Alimentou-se com um pão e um copo de leite, que foram entregues por um vão. Pensava na esposa, grá-

vida de seis meses, que, àquela altura, já deveria ter sido avisada.

No caminho para a cela, a incerteza, o medo. "O cara não sabe como vai ser, só ouve falar atrocidades". Enquanto passava pelas galerias, pode ouvir: "Olha ali, o negão do rap, é o negão do rap. Tu por aqui? Tu não é dessas coisa".

Ao chegar à cela, o instinto se manifesta rapidamente: "Na minha cela ninguém me conhecia. Falei pra eles que a gente ia ter que se aturar, falei das correrias do rap. Me apresentei, fui apertando a mão de todo o mundo. Falei que não devia nada". "Rá, rá, rá, aqui ninguém deve, negão", disseram os colegas de cela.

Eram 25 em uma cela feita para oito pessoas. O ambiente é propício a doenças. A maioria dorme em uma laje gelada. A umidade é terrível. "E fora os bichos. É muito nojento. Fui conhecer o percevejo dentro da cadeia. Quando você apaga a luz e vai deitar, os bichos te comem. As pintas ficam cheia de feridas." O banho, além de gelado, só pode ser tomado entre às 5h e às 6h. Apenas os mais antigos têm direito ao banho quente. "Você não dorme, vira zumbi. Você tá lá de boqueira e quando vê, dá um barulhão, começa a tremer tudo. É o pessoal tremendo as galerias, você não sabe se não vai acontecer um motim", contou o rapper. É comum também ouvir urros de dor. "Imagina o que não poderia estar acontecendo com essas pintas? Poderiam estar sendo molestadas, espancadas, outras sentindo dores causadas por doenças que eles (os funcionários do presídio) não tão nem aí". Para serem atendidos, muitas vezes organizam motins, e, ainda assim, não são tratados com grande urgência.

Foram 15 dias naquele lugar até que se constataste

que não havia provas contra MC. Os depoimentos dos dois policiais não batiam. Quinze dias em que acreditou que o tempo é relativo. O relógio se arrastava. "O que você mais faz é caminhar, porque tem dias em que você não vai para o pátio e não tem onde andar. Você necessita caminhar". Havia também a necessidade de conversar, de trocar idéias, para não ficar neurótico. "Mas lá só tem idéia ruim. Eu dava umas idéias pra frente pra eles". Com canetas, MC fez oficinas de grafite na cela.

Sair do presídio também teve seu preço: R\$ 2 mil a um advogado. Era a grana que juntava para comprar uma casa e se livrar do aluguel. "A tua liberdade não tem preço. Foi uma coisa que eu aprendi". Entretanto, o dano material não é comparável ao dano psicológico e moral causado por uma injustiça que dificilmente será reparada. MC pensou em denunciar os policiais, mas recuou. "Quem faz a lei na rua não são eles? Se eles quiserem te matar, quiserem te enxertar, eles fazem. É aí? O favelado nunca vai ter a razão. O que aconteceu comigo acontece com muita gente pelo Brasil. É por isso que a gente luta, através do hip hop. É a mesma luta de 500 anos, nós ainda não somos livres. Eu sofri o peso do preconceito".

COISAS DO CAPETA?

O Sacrifício e a possessão nas religiões afro-brasileiras chocam e são alvo de muita discussão

wesley kuhn
wesleykuhn@yahoo.com.br

ESTELIONATO, FEITIÇARIA OU CHARLATANISMO. SÃO termos usados de maneira corriqueira para desqualificar uma prática religiosa que já nasceu marginalizada. As concepções das religiões afro-brasileiras, seus rituais e suas explicações divinas são alvo de curiosidade e vistos como formas de culto inaceitável socialmente. Porém, seus reais dogmas são um patrimônio ainda desconhecido para a maioria da população.

TRÊS
QUA
TRO

Segundo pesquisa do antropólogo Ari Pedro Oro, professor da UFRGS com diversas publicações na área religiosa, existem hoje no Estado cerca de 30 mil terreiros. No Brasil, segundo o Censo de 2000, são aproximadamente 600 mil pessoas que se dizem praticantes de religiões de matriz africana. Porém, segundo pai Everton de Iemanjá, que possui um templo de umbanda há mais de 25 anos em Ipanema, zona sul de Porto Alegre, muitos têm medo de dizer que praticam este tipo de religião: "Na Bahia, onde é muito forte o Candomblé, eles se dizem católicos como primeira opção e depois candomblecistas".

As religiões de matizes africanas eram inicialmente praticadas por negros e pobres. Suas origens vieram dos escravos. Segundo pai Everton, as questões racial e social foram uma importante razão para o surgimento do preconceito. No entanto, essas práticas estão cada vez mais "brancas", principalmente no Rio Grande do Sul, onde há a segunda maior população caucasiana do Brasil. Elas também foram mais difundidas no meio intelectual. A nova realidade atenuou, mas não fez com que terminasse a estigmatização. Muitos rituais de origem africana são ainda considerados atividades de pessoas rudimentares por parte da sociedade.

○ SANGUE PELA FÉ

O sacrifício de animais é uma característica presente em quase todas as expressões religiosas afro-brasileiras. A sacralização, como seus pra-

ticantes preferem denominá-lo, costuma ser alvo de preconceito, considerada uma atividade chocante e cruel.

Estes rituais servem de oferendas para iniciação de fiéis e variam conforme o culto dos terreiros e em razão das consultas realizadas pelos agentes religiosos. Os ritualistas utilizam o sangue do animal degolado ou apunhalado para oferecê-lo às entidades homenageadas.

Uma das características que mais afrontam a população é o fato de alguns praticantes matarem animais e deixá-los jogados nas ruas. "Eu critico pessoas que se dizem pais-de-santo e matam em praça pública animais e deixam lá. Eu não concordo. Eu aproveito tudo que eu mato. Ou como, ou eu dou", afirma Pai Adílson de Ossanha, que possui um centro no bairro Partenon.

O auge da polêmica foi o ano de 2003 no Rio Grande do Sul, quando um projeto de lei da Assembleia Legislativa – o Código Estadual de Proteção dos Animais – colocava em xeque o futuro desses rituais. O capítulo I ART 2 do código instituiu "a proibição à agressão física aos animais destinados ao consumo, sua sujeição a qualquer tipo de experiência que cause sofrimento e a morte que não seja rápida e indolor". Com o temor de que o sacrifício fosse criminalizado, entidades e agentes ligados a afro-religiões, juntamente com o Deputado Edson Portilho (PT), apresentaram um projeto de lei para estabelecer uma exceção ao artigo 2. A alteração visava a permissão excepcional aos sacrifícios de animais em cultos de religião de matriz africana. O projeto do deputado petista foi aprovado e sancionado pelo governador Germano Rigotto em junho de 2003.

O deputado recebeu críticas de órgãos de defesa dos animais por ser supostamente tolerante às crueldades com que eram mortos animais nos sacrifícios. O umbandista Tadeu Silva rebate as acusações, afirmando que, "nestes rituais, não se mata por prazer, mas por uma necessidade de manter as tradições.

Exu é associado ao demônio pelos evangélicos



fotos de wesley kuhn

Questionar os hábitos religiosos é por analogia criticar os hábitos alimentares”.

“A visão de dentro é uma coisa; a de fora parece ser uma barbárie, mas só para quem não viu uma galinha morrer. Em um açougue as galinhas ali suspensas foram mortas de alguma maneira. Ou foram penduradas pela pata e o sangue subiu para cabeça e explodiu o cérebro,

como acontece na maioria dos aviários, ou quebram o pescoço ou passam uma lâmina. Nós sacralizamos, porque o axoró, o sangue, tem uma força vibratória”, explica Pai Everton. Tadeu defende que “se houvesse um local reservado para estas práticas, associado a uma conscientização, poderíamos realizar as nossas práticas sem perturbar ou desrespeitar uma outra pessoa”.

A opinião do advogado de Direito Ambiental, Daniel Braga Lourenço, em um artigo denominado *A liberdade de culto vs. o direito dos animais não humanos*, publicado no site www.apasc.org.br, é bem diferente. Ele afirma que “dizer que a prática de sacrificar animais deve ser aceita porque é uma conduta historicamente associada à própria religião é um absurdo tão inconsistente quanto o de dizer que os negros e as mulheres não deveriam nunca ter se tornados cidadãos (...) porque tradicionalmente não o eram. (...) A prática do sacrifício religioso deve ser combatida em nossa sociedade porque provoca o afrontamento do maior e mais tutelado bem jurídico de todos, que é a vida, seja ela humana ou não”. De fato, a polêmica está longe de ter fim e move paixões de ambos os lados.

POSSessão

Uma das características mais marcantes e polêmicas das religiões afro-brasileiras é a incorporação, ritual em que os agentes religiosos recebem as entidades espirituais. No entanto, é a que mais lhe permite ser tachada como religião do demônio. Se essa conotação já era utilizada pelos católicos, com o avanço dos neopentecostais o preconceito se expandiu. Os evangélicos costumam associar a imagem do capeta com entidades como Exu. Segundo Pai Adílson, “eles falam que o batuqueiro só sabe fazer coisa para tirar dinheiro do povo e que é coisa do demônio”.

Pai Everton ressalta que não há um preconceito velado na sociedade, mas sim uma falta de entendimento. “É difícil explicar claramente

o que acontece, pois só quem a recebe sabe como é”, diz. As entidades vêm a nosso mundo, segundo os praticantes, para fazer caridade e ajudar as almas que estão perdidas.

Acompanhei no templo do Pai Everton uma sessão de preto-velho que resultou em uma incorporação em massa do pai-de-santo e de seus filhos-de-santo. Mesmo para quem não acredita, a experiência acaba impressionando, já que a voz dos participantes se altera, bem como sua personalidade e suas feições. Após o pagamento de R\$5, conversei por alguns minutos com uma jovem que havia sido incorporada por uma preta-velha. Sua expressão, antes bem humorada e com o ar jovial, estava alterada: nem parecia a mesma pessoa. Ela falava um português arcaico e confuso, fazendo uma análise profunda sobre mim. Coincidência ou não, ela descreveu boa parte dos traços da minha personalidade e de pessoas que me são próximas. Saí um pouco arrepiado, sem entender muito o que tinha acontecido. Não sabia se estava diante de uma médium ou de uma grande atriz que teve um dia de sorte. A contragosto, acho que a primeira opção parece ser a mais plausível.

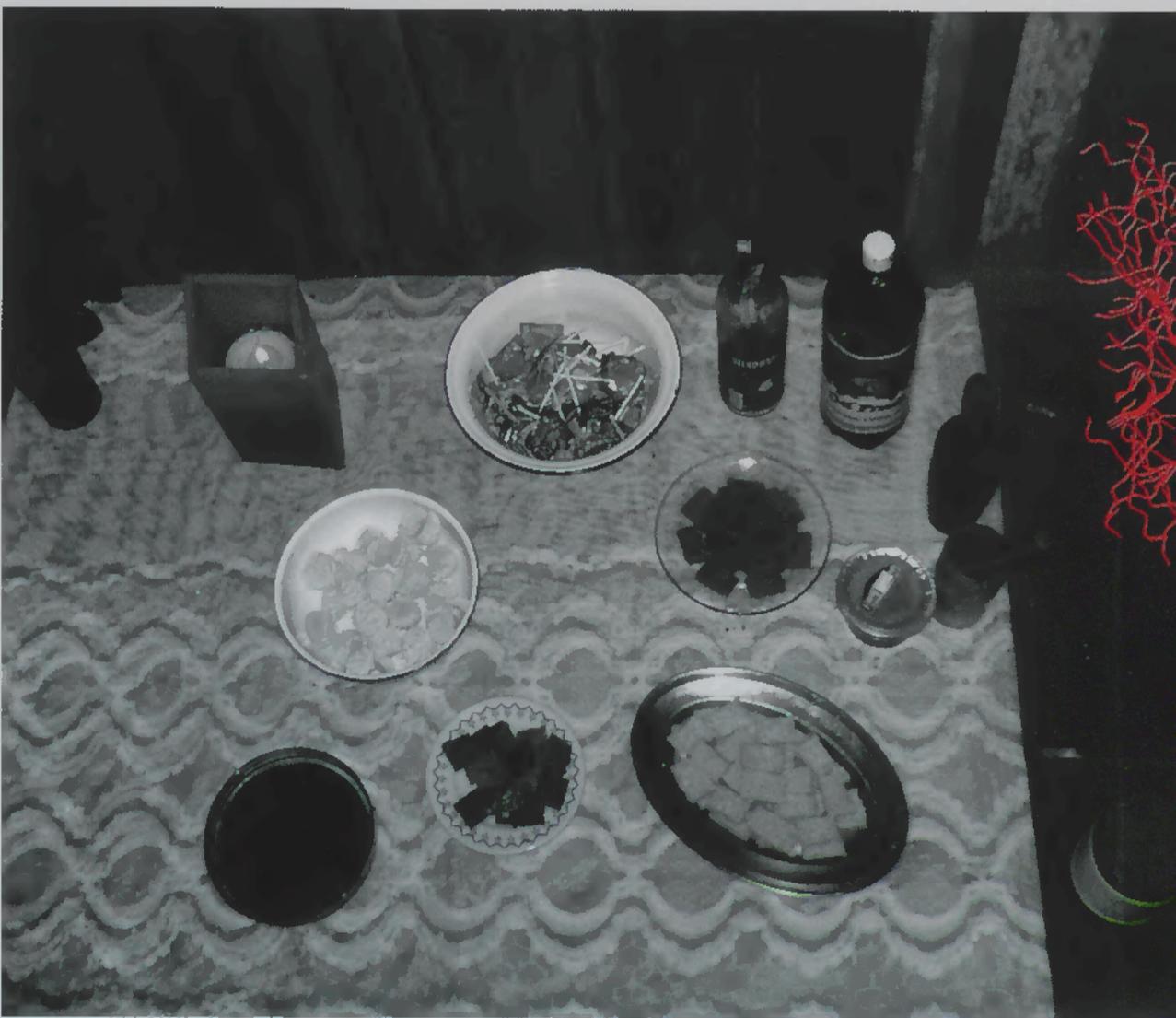
LIBERDADE DE CRENÇA

Na constituição federal, ART 5 INCISO VI “é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais

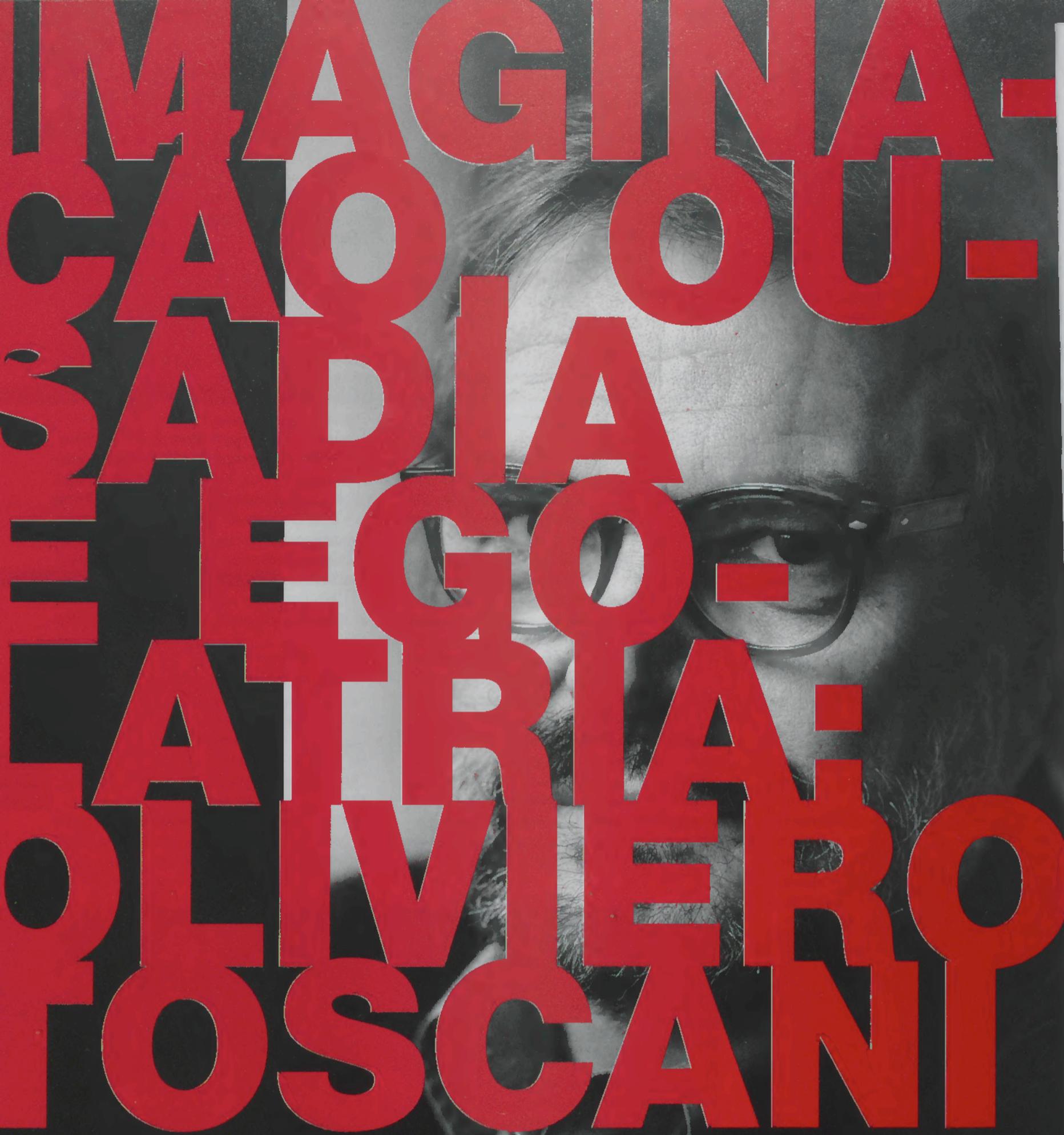
de culto e a suas liturgias”. Os praticantes das religiões afro-brasileiras querem fazer valer a Carta Magna e fazer com que sua crença seja aceita socialmente, e não vista como um culto que faz o “mal”. “A questão é a liberdade de religião, de escolha. O que eu não posso é botar na tua cabeça que tu tem que entrar na minha religião porque ela é certa.”, afirma Pai Adílson.

O fato é que essas religiões ainda geram muitas controvérsias, mas seus praticantes querem que sua crença seja respeitada. “Tem gente que se acha no Cristianismo, tem gente que se acha no Judaísmo. Eu fui católico muito tempo, mas depois de um tempo não me encontrei mais nesta religião, então optei por outro caminho. Cada um escolhe o que é melhor pra si e o que mais lhe parece verdadeiro. Na verdade, são diferentes caminhos para chegar ao mesmo lugar”, conclui Pai Everton.

Várias religiões afro-brasileiras utilizam também como oferenda diversos alimentos e bebidas



TRÊS
POR
QUA
TRO



IMAGINAÇÃO ODIADA SADIA ELEGIO PATRIA: OLIVIERO TOSCANI

O PUBLICITÁRIO SEM IDÉIAS

Publicitário, intelectual, fotógrafo, um profissional a serviço da imaginação. Ou nada disso. Desde 1982, esse sujeito indefinível é amado ou odiado por todos aqueles que trabalham com a criação de campanhas publicitárias. Se as respostas do publicitário a esta entrevista exclusiva concedida ao trêsportquatro parecem dar a dimensão de um ego inflado, basta olhar os trabalhos do profissional para ver que ele se sai, até, um sujeito modesto. O fato é que desde que o italiano Oliviero Toscani fundiu imagens de cenas reais carregadas de alguma mensagem social ao logotipo da marca de roupas Benetton, nunca mais a publicidade foi a mesma. Nascido em Milão, em 1942, ele já deu diversas explicações sobre sua profissão. Uma das mais recentes foi concedida a esta edição do jornal trêsportquatro, que obteve uma entrevista exclusiva com esse renomado profissional das imagens, como se intitulou em 1995 no programa Roda Viva. Por e-mail, ele falou um pouco sobre o processo criativo, o chocante e mostra que, apesar de ter trocado parte do corre-corre do mundo da criação publicitária para produzir azeite de oliva e criar cavalos em Toscana, suas críticas continuam afiadas contra os publicitários. Em setembro deste ano, voltou a causar controvérsia ao mirar suas lentes fotográficas contra a anorexia, desta vez sob a assinatura de uma empresa diferente daquela com a qual estabeleceu uma parceria de 18 anos. A fotografia de uma menina doente, entre diversos outros motivos, nos levou a procurar Oliviero Toscani para falar sobre o tema de nosso jornal.



UNITED COLORS
OF BENETTON.



UNITED COLORS
OF BENETTON.

Como acontece o processo de criação das suas campanhas? Como surge a idéia da grande foto?

Eu não tenho idéias, mas imaginação. E imaginar é um caminho contínuo e constante. A minha profissão é imaginar, não ter idéias.

Quais as principais dificuldades que enfrentou no início das campanhas da Benetton?

As mesmas que tive até o fim, ou seja, as pessoas do ramo do marketing que não acreditavam no meu trabalho. Além de Luciano Benetton, ninguém ali dentro compreendia o que estava fazendo. Trabalhar era uma luta cotidiana com esses profissionais medíocres.

Por que você acha que, quase 20 anos depois do início das campanhas da Benetton, os publicitários ainda discutem sobre a importância da publicidade que choque e incite o debate?

Porque eles estão atrasados. Existem pessoas que ainda discutem e se chocam, pensando que movimentos artísticos são todos como a pop art, não me espanta que isto aconteça com meu trabalho. E, seja como for, a questão de fundo é que todos os problemas que abordei nas minhas fotografias ainda não foram resolvidos. Ficaremos bem quando não for mais necessário discutir esses problemas.

Dos principais temas abordados nas campanhas da Benetton (racismo, AIDS, violência etc), para qual você acha que a publicidade abriu mais os olhos? E qual menos?

Não foi a Benetton, fui eu. A Benetton é uma empresa e, como tal, pensava em lucrar. O trabalho era eu quem fazia. Então, os meus trabalhos para a Benetton no final falavam todos do mesmo tema: a condição humana. Sendo assim, não posso lhes dar uma ordem de importância.

Em seu livro, "A publicidade é um cadáver que nos sorri", você afirmava que a propaganda na época tinha características quase nazistas, como exemplo citando Claudia Schiffer. A propaganda ainda é assim?

A minha opinião não mudou, mas o exemplo da Cláudia Schiffer deixou de ser atual, ela já faz parte do "governo passado". Agora são as anoréxicas.

Você não tem medo de que sempre revelar o chocante acabe anestesiando o público um dia, sem resolver o problema?

O público, felizmente, não é todo do mesmo tipo. É um tema "infinito", sempre haverá alguém inteligente para entender.

Recentemente, a campanha da Nolita foi proibida na Itália. O que choca mais: a censura ou a foto de uma modelo anoréxica? Por que?

Ambas as coisas, porque se correspondem: onde existe censura, existe sempre algum tipo de anorexia por trás.

Você já trabalhou com diversos temas considerados chocantes.

Pessoalmente, qual que mais lhe chocou? Por quê?

Isso obviamente depende dos lugares e dos problemas diferentes de cada país. Tem gente que se choca com a guerra, outros se chocam com a pena de morte, outros com o racismo. Varia de país a país.

Em alguns países como a Itália, e também o Brasil, a Igreja Católica exerce uma grande influência sobre a sociedade. Você já teve problemas com a Igreja por causa de seu trabalho?

Diria que ocorre o contrário: é a Igreja que tem problemas comigo. Eu não posso ter problemas com a Igreja, porque não reconheço nenhuma.

Qual sua percepção das campanhas em diferentes países. Saberá dizer quais lugares o seu trabalho tem mais aceitação e quais têm menos?

Sou obrigado a falar que, neste ponto de vista, são os países latinos os mais avançados, talvez, porque estão à procura de uma moral mais nova, atual. Ao invés disso, os países que se dizem à frente, aqueles que acreditam ser donos da "moral absoluta", são na verdade os mais carolas.



UNITED COLORS
OF BENETTON.

TRÊS
QUA
TRO

**POR QUE VOCÊ
ESTÁ COM
MEDO DE UM
PEQUENO
DESVIO?**

